J. KRISHNAMURTI

NOSSO ÚNICO PROBLEMA

Nosso Único Problema J. KRISHNAMURTI

J. KRISHNAMURTI

NOSSO ÚNICO PROBLEMA

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em 1949 e 1950, em Ceilão)

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
1957

J. KRISHNAMURTI

NOSSO ÚNICO PROBLEMA

Tradução de

HUGO VELOSO

EDITADO PELA
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Avenida Rio Branco, 117 — Sala 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

DO MESMO AUTOR:

A Renovação da Mente.
Que Estamos Buscando.
Novos Roteiros em Educação.
A Arte da Libertação.
Viver sem Confusão.
Porque não te satisfaz a vida?
A Conquista da Serenidade.
Nós somos o problema.
Solução para os nossos conflitos.
Uma nova maneira de viver.
O egoísmo e o problema da paz.
Autoconhecimento, Correto Pensar, Felicidade.
A Luta do Homem.
A finalidade da vida.
Que o entendimento seja lei.
O Caminho da Vida.
Palestras no Brasil.
Palestras no Chile e no México.
Palestras no Uruguai e na Argentina.
Idem em Ommen, 1936.
Idem em Ojai, Califórnia, 1936.
Idem em Nova Iorque, Eddington e Madrasta, 1937.
Acampamento em Ommen, 1937/38.
Adyar, Índia, 1933/34.
Auckland, 1934.
Ojai e Sarobia, 1940.

NOTA: Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da Instituição Cultural Krishnamurti, na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro. Telefone: 52-2697.

I

ACHO que tem muita importância saber ouvir. A maioria de nós, em verdade, não sabe ouvir. Tão habituados estamos a afastar de nós as coisas que não queremos ouvir, que já nos tornamos quase surdos para os problemas que nos dizem respeito. Importa muito a maneira como prestamos ouvido a tudo o que se passa em redor de nós. Como escutamos, não apenas os cantos dos pássaros, os sons da natureza, mas também as nossas próprias vozes — i.e., muito importa que conheçamos a extensão em que estamos cônscios dos problemas da atualidade, em níveis diferentes. Porque é só quando escutamos de maneira correta, e não pela maneira como *queremos* escutar, que começamos a compreender os numerosos problemas econômicos, sociais, ou religiosos, que se nos apresentam. A própria vida, é um problema complexo, que não pode ser resolvido em um nível exclusivo. Assim sendo, precisamos ser capazes de ouvir de maneira completa e plena, principalmente ao que se nos diz. Esta tarde, ao menos, poderíamos procurar ouvir de maneira que possamos compreender uns aos outros o mais plenamente possível. A dificuldade está em que, em geral, escutamos com preconceito o que se

nos diz; chegamos a uma conclusão sôbre o que se diz, baseada em nossas próprias idéias, e já vimos de espírito prevenido. Comparamos o que se está dizendo com as palavras de outro instrutor, e nossa reação, naturalmente, é condicionada, não constituindo uma reação direta ao que se está dizendo. Nessas condições, se me é permitido sugerí-lo, tende a bondade, nesta tarde, de ouvir com tôda a atenção, inteiramente livres de preconceitos, de conclusões, e sem fazer comparações. Tende a bondade de ouvir com interêsse, a fim de averiguardes o que se está dizendo. Porque o mundo se acha numa situação terrível; e, quer sejais possuidor de riquezas, de muitos automóveis, de uma casa confortável, de uma boa conta corrente no banco, quer tenhais apenas o suficiente para viver; quer pertençais a um determinado partido religioso ou político, quer não pertençais a partido algum, — êstes problemas têm de ser compreendidos. Dêles me ocuparei nas próximas cinco semanas, não só aqui, mas também nas discussões que se realizarão às terças e quintas feiras. Precisamos, em primeiro lugar, aprender a arte de escutar — tarefa assaz difícil — a fim de que possamos apreender o exato significado do que se está dizendo. Não é possível apreender o exato significado do que se diz, se o ouvis por detrás da cortina de proteção constituída pelos vossos preconceitos; a arte de escutar consiste em banir êsses preconceitos, ainda que temporàriamente, para procurar compreender o problema em sua inteireza. Por essa maneira ficaremos capacitados para tratar dos problemas que surgem diàriamente em nossas vidas.

Pois bem, todos nós temos problemas, não é verdade? — e não podemos fechar os olhos a êles nem dêles nos abeirar com um padrão de ação, seja da esquerda, seja da direita, com um preconceito que formamos com

o saber por nós mesmos adquirido ou aprendido dos especialistas. O problema, indubitàvelmente, é sempre novo; todo problema é sempre novo, qualquer que seja o respectivo nível; e se nos aplicamos a um problema com um padrão de ação, da esquerda, da direita ou do centro, em tal caso, òbviamente, a nossa reação é condicionada, constituindo uma barreira à compreensão do próprio problema. Esta é a nossa dificuldade. A vida é um processo de desafio e reação: de outro modo não há vida. A vida é reação a uma exigência, a um estímulo; e se essa nossa reação é condicionada, cria, evidentemente, conflito, isto é, um problema. Consciente ou inconscientemente, a maioria de nós vive em conflito, agitação; e para se compreender essa confusão interior, causadora da confusão exterior, política, religiosa ou econômica, precisamos conhecer a maneira de tratar o problema, a maneira de compreender esta enorme confusão e sofrimento, sempre crescentes. Não é possível diminuir, atenuar o sofrimento, pela ação política, religiosa, social, ou outra qualquer. Não importa o que façamos ou quais sejam os nossos guias religiosos ou políticos, a nossa ação acarreta sempre novos desastres; e nosso problema consiste em saber agir de maneira que a ação não venha a criar um novo problema, não venha a produzir uma nova catástrofe; de maneira que a reforma não exija nova reforma. Tal é a situação a que tem de fazer frente cada um de nós.

Esta crescente confusão, sem dúvida, se deve a que queremos resolver cada problema com um certo padrão de ação, com uma certa ideologia, religiosa ou política. A religião organizada, evidentemente, impede a compreensão de qualquer problema, porque a mente está condicionada pelo dogma e pela crença. Nossa dificuldade é de como compreender o problema diretamente, e não

através de um determinado condicionamento religioso ou político; como compreender o problema de maneira que o conflito cesse, não temporàriamente, mas completa e definitivamente, para que o homem possa viver com plenitude, sem as tribulações do futuro ou a carga do passado. É sem dúvida o que nos cumpre descobrir: Como atender o problema de maneira nova. Porque todo problema — político, econômico, religioso, social ou pessoal — é sempre novo e não pode ser atendido com o que é velho. Estou, talvez, formulando a questão de maneira diferente daquela a que estais acostumados, mas esta é a questão real. Afinal de contas, a vida é um ambiente que se modifica constantemente. Bem gostaríamos de permanecer de parte, em confôrto, de buscar abrigo na religião, na crença, ou no saber baseado em fatos determinados. Gostaríamos de viver cômodamente, agradàvelmente, sem ser perturbados; mas a vida, que varia sem cessar, que é sempre nova, está sempre trazendo perturbação ao que é velho. Nosso problema, portanto, é de como enfrentar de maneira nova o desafio. Somos o resultado do passado, nosso pensamento é o produto de ontem; e com o ontem não podemos, òbviamente, fazer frente ao hoje, porque o hoje é novo. Quando nos abeiramos do novo com o ontem, estamos dando continuidade ao condicionamento de ontem, na compreensão do hoje. Por conseguinte, nosso problema, quando atendemos ao novo, consiste em compreender o velho e ficarmos, assim, livres do velho. O que é velho não pode compreender o que é novo; não se pode pôr vinho novo em garrafas velhas. Importa, por conseguinte, compreender o velho, que é o passado, que é a mente baseada no pensamento. O pensamento, a idéia, é produto do passado; quer como conhecimento histórico ou científico, quer como mero preconceito e superstição, a idéia, evidentemente, é produto do passado. Ser-nos-ia impossí-

vel pensar, se não tivéssemos memória; memória é o resíduo da experiência, memória é reação do pensamento. Para compreendermos o desafio, que é novo, precisamos compreender o processo total do "eu", que é o produto do nosso passado, o resultado de nosso condicionamento por influências ambientes, sociais, climáticas, políticas, econômicas — precisamos compreender tôda a estrutura de nós mesmos.

Por conseguinte, compreender o problema significa compreender a nós mesmos; a compreensão do mundo começa com a compreensão de nós mesmos. O problema não é o mundo, mas, sim, vós mesmo em relação com outro, o que cria um problema; e êsse problema, generalizado, vem a constituir o problema mundial. Assim sendo, para que se compreenda essa máquina formidável e complexa, êste conflito, esta dôr, e confusão, e miséria, precisamos còmeçar por nós mesmos, mas não individualisticamente, em oposição à massa. Não existe tal coisa: a massa. É mera abstração. Mas, quando vós e eu não compreendemos a nós mesmos, quando seguimos um guia e somos hipnotizados por palavras, convertemo-nos então em massa, e somos explorados. Assim, a solução do problema não pode ser encontrada no isolamento, em recolher-nos a um mosteiro, uma montanha ou uma caverna, mas sim, na perfeita compreensão do problema de nós mesmos em relação com outros. Não se pode viver em isolamento; ser é estar em relação. Nosso problema, por conseguinte, são as relações, que geram conflito, que acarretam sofrimentos, perturbações constantes. Enquanto não compreendermos essas relações, serão elas uma fonte de perenes sofrimentos e lutas. A compreensão de nós mesmos, que é o autoconhecimento, é o comêço da sabedoria; e êsse autoconhecimento não pode ser procurado em livro algum — não há livro que possa ensinar-vos a conhecer a vós mesmos. Conhecei a vós

mesmos; porque, só com a compreensão de vós mesmos, estareis aptos a resolver os problemas que diàriamente se apresentam a cada um de nós. O autoconhecimento traz tranquilidade à mente, e só então a verdade pode manifestar-se. A verdade não pode ser procurada. A verdade é o desconhecido e aquilo que procurais já é de vós conhecido. A verdade reponta sem ser procurada, quando a mente está livre de preconceito, quando há a compreensão de todo o processo de nós mesmos.

Foram-me enviadas muitas perguntas; vou responder a algumas delas. É muito fácil fazer perguntas. Qualquer pessoa pode fazer uma pergunta leviana ou estúpida, *mas fazer uma pergunta correta é muito difícil.* Só quando se faz uma pergunta correta se pode obter uma resposta correta porque só então se esclarece o problema do consultante.

PERGUNTA: Dizeis que não quereis fazer o papel de guru *para ninguém. Não pode uma pessoa que compreendeu a verdade, transmitir a outra a sua compreensão, a fim de ajudá-la a também compreender?*

KRISHNAMURTI: Ora, se o *guru* é necessário ou desnecessário, isso nada importa: o problema é o porque necessitamos de um *guru*, porque procuramos um *guru*. Êste é o problema, não achais? Se pudermos compreendê-lo, veremos então se a verdade pode ser transmitida a outro. Porque necessitais de um *guru*, um chefe, um guia? — Naturalmente, respondereis: "Preciso dêle porque estou confuso, porque não sei o que fazer, e porque busco a verdade". Não nos iludamos a êsse respeito. Não sabeis o que é a verdade, e por essa razão procurais um instrutor, para pedir-lhe que vos ensine o que é a verdade. Quereis alguém que vos ajude, que vos tire da confusão; sois infeliz e quereis ser feliz; estais insatisfeito e desejais estar satisfeito. Nessas condições, esco-

lheis o *guru*, segundo a satisfação que desejais (risos). Posso fazer uma advertência? Quando uma pessoa ri de coisas sérias, revela um estado mental muito superficial. Quando rides, fugis da idéia que vos perturba. Assim, permiti-me sugerir que mantenhamos um pouco mais de seriedade. Porque os nossos problemas são muito sérios e não podemos chegar-nos a êles como colegiais estouvados... como estamos fazendo, aqui, embora tenhamos, alguns de nós, barbas já grisalhas.

A questão, pois, não é se o *guru* é necessário, mas, sim: porque precisamos dêle? Precisamos de alguém que nos dê uma ajuda confortante. É isso o que queremos. Não queremos a verdade, porque a verdade pode ser extraordinàriamente perturbadora. Não queremos, realmente, compreender o que é a verdade, por isso buscamos o *guru*, a fim de que êle nos dê a satisfação que almejamos; e visto que estamos confusos, escolhemos, naturalmente, um *guru* ou um guia também confuso. Quando escolhemos um *guru* porque estamos em confusão, êsse *guru* também há de estar confuso, do contrário não o escolheríamos. O compreender a si mesmo é essencial, e um *guru* digno dêste nome terá que dizer-vos a mesma coisa. Mas para a maioria de nós, isso dá muito trabalho; queremos pronto alívio, uma panacéia, e recorremos a um *guru*, para que nos dê uma pílula a nosso gôsto. O que buscamos não é a verdade, mas, sim o confôrto; e o homem que nos dá confôrto, escraviza-nos.

Pode a verdade ser transmitida a outrem? Posso fazer-vos a descrição de uma coisa já acabada, já passada e que, por conseguinte, já não é real; posso falar-vos a respeito do passado e podemos comunicar-nos uns com os outros, no nível verbal, sôbre o que já nos é conhecido; mas não podemos comunicar-nos uns com os outros a respeito de uma coisa que não estamos experimentando. Tôda descrição pertence ao passado, e não

ao presente; o presente, por conseguinte, não pode ser descrito; e a realidade existe sòmente no presente. Assim, quando ides à presença de uma outra pessoa, para que ela vos diga o que é a verdade, ela só pode falar-vos de experiência já passada; e a experiência já passada não é a verdade, é mero conhecimento. Conhecimento não é sabedoria. Pode-se descrever, no níver verbal, conhecimento de fatos, mas é impossível descrever algo que está em constante movimento. O que pode ser descrito não é a verdade. A verdade tem de ser "experimentada", momento por momento; e se fôrdes ao encontro do dia de hoje com a medida de ontem, não compreendereis a verdade.

Um *guru*, portanto, não é essencial. Muito ao contrário, o *guru* é um empecilho. O autoconhecimento é o comêço da sabedoria. Nenhum *guru* pode dar-vos o autoconhecimento; e sem autoconhecimento, podeis fazer o que quiserdes, agir da maneira que desejardes, seguir qualquer guia, qualquer padrão social ou religioso — e estareis sempre criando mais sofrimentos. Mas quando a mente, graças ao autoconhecimento, está livre de todos os empecilhos e limitações, então a verdade se manifesta.

PERGUNTA: Consta que dissestes que as idéias não têm o poder de unir os homens. Explicai, por favor, de que maneira, ao vosso ver, é possível unir os homens e criar um mundo melhor.

KRISHNAMURTI: Verifiquemos o que se entende por idéias; e, como eu já disse, tende a bondade de ouvirme sem preconceito, sem nenhuma conclusão, ouvir-me assim como ouviríeis a alguém de quem gostais realmente. Que se entende por idéias, que se entende por crença, que se entende por ideologia? Pensemos nisso de maneira cabal, investiguêmo-lo juntos. As idéias unem as pessoas ou as separam? A idéia, òbviamente, é a ver-

são verbal do pensamento. O pensamento é reação ao condicionamento, não é exato? Sois sinhalêses, budistas, cristãos, isso ou aquilo, e vosso pensamento é condicionado de acôrdo com êsse fundo. Êsse fundo é constituído pela memória, evidentemente; a memória reage ao estímulo, ao desafio, e a reação da memória ao desafio denomina-se pensar. Não há dúvida de que pensais de acôrdo com o padrão segundo o qual fôstes criado; pensais como budistas, cristãos, como partidário da esquerda, da direita, ou sabe Deus de que. Estais condicionado para crer certas coisas, e para não crer outras. Êsse condicionamento é memória, e a reação da memória é pensamento. O pensamento examina as idéias e, como está condicionado, reage de acôrdo com êsse condicionamento, indo então para a esquerda ou para a direita. Assim, as idéias unem as pessoas, conforme o padrão em que estas foram criadas; mas não há dúvida de que há idéias contrárias umas às outras.

Como isso talvez pareça um pouco abstrato demais, vamos expressá-lo de maneira diferente. Suponhamos que sejais um verdadeiro budista: não um budista verbal, mas um budista ativo. Que significa isso? Significa que crêdes em certas coisas e agis de acôrdo com essa crença; um cristão e um comunista agirão de acôrdo com ideologias diferentes. Como poderão harmonizar-se essas idéias? Tôda idéia, como todo pensamento, é o resultado de um certo condicionamento; e como pode uma idéia harmonizar-se com outra? O que uma idéia pode fazer é expandir-se e reunir pessoas em tôrno de si, como também o faz qualquer outra idéia. As idéias, por conseguinte, não podem gerar a unidade. Pelo contrário, dividem. Sois cristão, eu sou budista, outro é hinduista ou muçulmano; eu creio, vós não crêdes, e por isso vivemos a disputar. Porque? Porque estamos tão divididos pelas idéias? Porque são elas a única coisa que possuimos; a

palavra é a única coisa que temos; por essa razão as idéias se tornam extraordinàriamente importantes, e nós nos reunimos em tôrno de idéias, para agir: o cristão em oposição ao comunista, o trabalho em oposição ao capital, o capitalismo em oposição ao socialismo. A idéia não é ação; a idéia impede a ação. Teremos de pensar a fundo nesta questão, e voltaremos a examiná-la noutra discussão. A ação baseada em idéia divide os homens. É por isso que há miséria no mundo, que há fome, sofrimentos, guerras. Temos idéias a respeito disso, mas a idéia nos impede a compreensão do problema, porque o problema não é uma idéia. O problema é o sofrimento, o conflito. É muito confortante ter uma idéia a respeito da dôr, do sofrimento, da aflição, da exploração, porque então podemos conversar a respeito dessas coisas e permanecer inativos . Pensai bem nisso e, se examinardes a fundo o problema, se não reagirdes, meramente, de acôrdo com um certo padrão, vereis que as idéias estão dividindo os homens. Não tendes notado isso? Vós, os sinhalêses, estais lutando em prol do nacionalismo, que não passa de uma idéia, os hindus estão contra os europeus, os alemães e os americanos contra os russos. Em tôdas as partes do mundo, o nacionalismo, que é uma idéia, está impedindo os homens de se unirem; e porque o nacionalismo, elementarmente, é agradável e estúpido, vós estais satisfeitos com êle. Por tôda a parte a palavra "nacionalismo" se ergue, como uma muralha, mantendo a separação entre os homens. No mundo inteiro as idéias estão separando os indivíduos, criando inimizade entre os homens. As idéias a que rendemos culto são a própria negação do amor; não têm elas significação alguma, e não podem operar uma transformação radical. Para realizar-se essa revolução fundamental, precisais começar compreendendo a vós mesmo; só então sereis capaz de criar a unidade, e não por meio de idéias.

PERGUNTA: Sinto-me incerto a respeito de tudo e conseqüentemente acho difícil agir bem, pois temo que minha ação produza mais confusão. Existe uma maneira de agir, sem criar confusão?

KRISHNAMURTI: É bem evidente que se não conheceis a vós mesmo, tudo o que fizerdes aumentará, necessàriamente, a confusão. Se não conheceis a estrutura total do vosso ser, vossa ação, indubitàvelmente, criará malefícios, ainda que tenhais um perfeito padrão de conduta. Esta é a razão porque a reforma, a revolução baseada em um padrão constitui um fator desintegrante, na sociedade: não faz mais do que continuar o passado sob uma forma modificada. O autoconhecimento, que não podeis adquirir num livro ou aprender de um instrutor, tem de ser descoberto nas relações com pessoas e com idéias. As relações são um espêlho no qual podeis ver-vos exatamente como sois. Coisa alguma pode viver no isolamento. Precisamos compreender o estado de relação, e não apenas condená-lo, justificá-lo, ou identificar-nos com êle. Condenamos, porque essa é a maneira mais fácil de nos desembaraçarmos de uma coisa, assim como se põe uma criança a um canto. Se desejo compreender meu filho, meu vizinho, minha espôsa, preciso estudar essa pessoa, preciso estar muito atento para as minhas relações com ela, não é verdade? Assim, só através do autoconhecimento podemos agir sem aumentar a confusão.

PERGUNTA: Consta terdes dito que a religião não pode oferecer uma solução aos problemas da sociedade. É exato isso?

KRISHNAMURTI: Ora, que entendemos por religião? Tal como a conhecemos, é crença, dogma, ação segundo um determinado padrão — não é verdade? A

crença organizada é a experiência de alguém, coordenada de acôrdo com um padrão de ontem: e vós estais condicionado por essa crença. Isso é religião? O padrão pode ser da esquerda, da direita, ou do centro; ou pode ser um plano divino, como se costuma dizer... não há muita diferença entre essas coisas: tôdas elas têm os seus ideais, tôdas têm a sua Utopia, o seu céu, e portanto podem tôdas ser chamadas religião, cada qual perpetuando a exploração a seu modo. Mas, isso é religião? Evidentemente, a crença, com suas autoridades, e seus dogmas, com suas pompas e sensações, não é religião. Que é então religião? Eis a nossa questão. É uma mera palavra. A palavra "porta" não é uma porta, mas apenas o símbolo de uma outra coisa. De modo idêntico, religião é algo que está na base da reação condicionada, provocada por essa palavra, o que significa que precisamos descobrir a coisa que está atrás da palavra. Essa coisa é o desconhecido. O que é conhecido já recuou para o passado. O que se necessita é a experiência direta do que *é;* e para tal o primeiro requisito é a liberdade, o que significa que deveis estar livres do falso, que é a crença, livres, não no fim mas no começo. Precisais de liberdade, para descobrir o que é falso; isso certamente é religião. O processo total de vós mesmo tem de ser compreendido; porque, sem autocompreensão não há sabedoria. O começo da sabedoria é a compreensão de si mesmo, isto é, meditação.

25 de dezembro de 1949.

II

FALAVAMOS sôbre quanto é importante, antes de perguntarmos o que devemos fazer ou como devemos agir, descobrir o que é o pensar correto; porque, sem pensar correto não pode, evidentemente, haver ação correta. A ação em conformidade com um padrão, uma crença, sempre pôs o homem contra o homem, como estivemos apreciando no domingo passado. Não pode haver pensar correto enquanto não há autoconhecimento. Porque, sem autoconhecimento, como pode uma pessoa saber o que está realmente pensando? Pensamos muito e andamos também muito ativos; mas o pensar e o agir em tais condições produzem conflito e antagonismo, como vemos suceder, não apenas em nós mesmos, mas também ao redor de nós, no mundo. Consequentemente, o nosso problema é o de como pensar corretamente, que é o meio de produzir a ação correta e de eliminar o conflito e a confusão que existem não sòmente em nós mesmos, mas também no mundo que nos circunda.

Pois bem, para se descobrir o que é pensar correto, precisamos averiguar o que é autoconhecimento; porque, se não sabemos o que pensamos, ou se o nosso pensamento está baseado naquele *fundo* que constitui o nosso condi-

cionamento, tudo o que pensamos, òbviamente, é mera reação que leva, por conseguinte, a outro conflito. Assim, antes de podermos saber o que é pensar correto, precisamos saber o que é autoconhecimento. Autoconhecimento, por certo não significa aprender um determinado padrão de pensamento. O autoconhecimento não se baseia em idéias, crenças, ou conclusões. Deve ser uma coisa viva, porque, do contrário, não é autoconhecimento, e sim, mero conjunto de conhecimentos. Há diferença entre o conhecimento de fatos, que é saber, e a sabedoria, que é o conhecimento dos processos dos nossos pensamentos e sentimentos. Mas estamos, a maioria de nós, muito entretidos com os fatos, com o conhecimento superficial, razão por que somos incapazes de entrar mais a fundo no problema. Para descobrirmos o processo total do autoconhecimento temos de estar muito vigilantes nas relações com outros. As relações são o único espêlho que temos, um espêlho que não desfigura, um espêlho no qual podemos ver, com tôda a fidelidade, o nosso pensamento desdobrar-se. O isolamento, que tantos buscam, é uma forma subreptícia de opôr resistência às relações. O isolamento, sem dúvida, impede a compreensão das relações: relações com as pessoas, com as idéias, com as coisas. Enquanto desconhecermos o que é, em nossas relações com a propriedade, com outras pessoas, com as idéias, haverá, evidentemente, confusão e conflito.

Assim, só nas relações podemos descobrir o que é pensar correto. Isto é, nas relações podemos descobrir como pensamos, momento por momento, quais são as nossas reações, e proceder assim, passo a passo, ao desenvolvimento do pensar correto. Isso não é uma coisa abstrata ou difícil, i.e. o observar com exatidão o que está ocorrendo em nossas relações, quais são as nossas reações, e assim descobrir a verdade contida em cada pensamento, em cada sentimento. Mas se levamos conosco uma idéia

ou um preconceito, sôbre o que as relações deveriam ser, isso, evidentemente, impede a revelação do que *é*. Aí está nossa dificuldade: já temos opinião formada sôbre o que devem ser as relações. Para a maioria de nós, "relações" é um têrmo que significa confôrto, satisfação, segurança; e nessas relações servimo-nos da propriedade, das idéias e das pessoas para nossa própria satisfação. Servimo-nos da crença como um meio de segurança. As relações corretas não constituem um simples ajustamento mecânico. Quando nos servimos de outras pessoas, exigimos a posse, física ou psicológica; e ao possuir alguém criamos todos os problemas do ciume, da inveja, da solidão e do conflito. Porque, se examinarmos com um pouco mais de atenção e profundeza, veremos que a utilização de uma pessoa ou da propriedade como meio de satisfação é um processo de isolamento. Êsse processo de isolamento não constitui, em absoluto, o verdadeiro estado de relação. Assim, nossa dificuldade e nosso crescente problema decorrem da falta de compreensão das nossas relações, compreensão, que essencialmente, é autoconhecimento. Se não conhecermos a maneira como estarmos relacionados a outras pessoas, às idéias, então tôdas as nossas relações produzirão conflito. É só êste, atualmente, o nosso problema: relações não apenas entre pessoas, mas também entre grupos de pessoas, entre nações, entre ideologias da esquerda ou da direita, religiosas ou seculares. Por consequência, é importante que compreendais fundamentalmente as vossas relações com vossa espôsa, vosso marido, vosso vizinho; porque as relações são uma porta através da qual podemos descobrir a nós mesmos, e, com êsse descobrimento, compreender o que é pensar correto.

O pensar correto, sem dúvida, é inteiramente diferente do pensamento correto. O pensamento correto é estático. Podeis receber instrução sôbre o pensamento correto, mas ninguém pode instruir-vos sôbre o pensar

correto; porque o pensar correto é movimento, não é estático. O pensamento correto pode ser aprendido de um livro, de um instrutor, podemos reunir dados ao seu respeito; mas não podeis adquirir o pensar correto mediante ajustamento a um padrão ou molde. Pensar correto é a compreensão das relações, momento por momento, a qual revela, inteiramente, o processo do "eu".

Qualquer que seja o nível em que vivais, há conflito, não só conflito individual, mas também conflito mundial. O mundo sois vós, não está separado de vós. O que sois, o mundo é. Impõe-se uma revolução fundamental em vossas relações com as pessoas, com as idéias; impõe-se uma modificação fundamental, e essa transformação deve começar, não fora de vós, mas em vossas relações. Consequentemente, é essencial, para o homem que ama a paz, para o homem sensato, a compreensão de si mesmo. Porque, faltando-lhe o autoconhecimento, os seus esforços só hão de criar mais confusão e mais sofrimentos. Tomai conhecimento de todo o processo de vós mesmos. Não necessitais de *guru*, não necessitais de livro algum, para compreender, momento por momento, vossas relações com tôdas as coisas.

PERGUNTA: Porque desperdiçais o vosso tempo pregando, em vez de ajudar o mundo de maneira prática?

KRISHNAMURTI: Ora, como entendeis a palavra "prática"? Entendeis que urge fazer uma reforma mundial, um melhor ajustamento econômico, melhor distribuição da riqueza, melhores relações — ou, formulando-o de maneira brutal, quereis que alguém vos ajude a obter um emprêgo melhor. Desejais uma reforma mundial, todo homem inteligente a deseja, e quereis um método pelo qual se produza essa transformação. Por isso me perguntais porque estou desperdiçando meu tempo com pregações, em vez de fazer alguma coisa nêsse sentido.

Ora, o que estou fazendo será desperdício de tempo? Seria desperdício de tempo se eu estivesse procurando introduzir um novo conjunto de idéias para substituirem a velha ideologia, o velho padrão. Talvez seja isso o que desejais que eu faça. Mas, em vez de indicar um suposto método prático de agir, de viver, de obter um emprêgo melhor, de criar um mundo melhor não seria mais importante averiguar quais são os obstáculos que estão impedindo a revolução real — não a revolução da esquerda ou da direita, mas a revolução fundamental, radical, não baseada em idéias? Porque, como já temos tido ocasião de apreciar, os ideais, as crenças, as ideologias, os dogmas, impedem a ação. Não haverá transformação mundial, revolução, enquanto a ação se basear em idéias; porque a ação, nesse caso, é mera reação; e, por êsse motivo, as idéias tornam-se muito mais importantes do que a ação — como vemos acontecer no mundo, atualmente, não é verdade? Para agir, precisamos descobrir os empecilhos que entravam a ação. Mas a maioria de nós não deseja agir, — eis a nossa dificuldade. Preferimos discutir, substituir uma ideologia por outra, e fugimos assim da ação pelo caminho da ideologia. Tudo isso é muito simples, não achais? O mundo atualmente se defronta com muitos problemas: super-povoamento, fome, divisão das pessoas em nacionalidades e classes, etc. etc. Porque não existe um grupo de pessoas dispostas a resolver os problemas do nacionalismo? Mas, se quisermos converter-nos ao cosmopolitismo sem largar a nossa nacionalidade, criamos outro problema; e assim procede a maioria de nós. Como vêdes, os ideais estão impedindo a ação. Disse um estadista, autoridade eminente, que é possível organizar o mundo e alimentar a todos. Porque então não se faz isso? Por causa do conflito de idéias, crenças e nacionalismos. As idéias, por conseguinte, estão, na realidade, impedindo que se dê alimento a todos; e nós, pela maio-

ria, vivemos entretidos com idéias, pensando que somos grandes revolucionários e hipnotizando-nos com palavras, tais como "prático", etc. O que mais importa é nos livrarmos das idéias, dos nacionalismos, de tôdas as crenças e dogmas religiosos, de modo que possamos agir não de acôrdo com um padrão e ideologia, mas, sim, de acôrdo com as necessidades; e, positivamente, apontar os obstáculos e empecilhos que se opõem à nossa ação não é desperdício de tempo, não é soltar balões de papel. O que estais fazendo é òbviamente insensato. Vossas idéias e crenças, vossas panacéias políticas, econômicas e religiosas, estão em verdade separando os homens e levando à guerra. Só quando a mente está livre de idéias e crenças, pode agir corretamente. Um homem patriota, nacionalista, nunca saberá o que é ser fraterno, ainda que saiba falar de fraternidade; pelo contrário, suas ações, econômicamente e em todos os sentidos, conduzem à guerra. Assim, só haverá ação correta e, portanto, uma transformação radical e duradoura, quando a mente estiver livre de idéias, não superficialmente mas fundamentalmente; e êsse estado livre de idéias só é possível pela percepção e conhecimento de nós mesmos.

PERGUNTA: Sou professor, e, depois de estudar o que dizeis, vejo que a educação atual, pela maior parte, é nociva ou fútil. Que posso eu fazer, com relação a isso?

KRISHNAMURTI: A questão, sem dúvida, é esta: Que é educação, e por que educamos? Vemos que, no mundo inteiro, a educação falhou, uma vez que só está produzindo, cada vez mais, destruição e guerras. A educação até agora tem servido para alimentar o industrialismo e a guerra; é isso o que vem ocorrendo desde há um século, mais ou menos. O que se vê, realmente, é guerra, conflito, um incessante desperdício de esforços, por parte de cada um, levando tudo isso a mais conflitos,

maior confusão e antagonismo. É êsse o objetivo da educação? Nessas condições, para se saber a maneira correta de educar, é necessário não sòmente que se eduque o educador, mas que se saiba, também, para que vivemos, qual a finalidade da vida. Quando *procuramos* a finalidade da vida, só podemos achá-la como uma projeção de nós mesmos. A finalidade da vida, evidentemente, é viver. Mas viver não é um objetivo, a felicidade não é um alvo. Só quando nos sentimos infelizes, buscamos o alvo da felicidade. Analògamente, quando a vida é confusa, buscamos uma finalidade, um objetivo. Cabe-nos, pois, apurar o que significa viver. Será apenas uma técnica, uma capacidade de ganhar dinheiro mecânicamente, ou é um processo de compreensão da função total da nossa existência? Que é felicidade? É ser educado, conquistar um diploma de bacharel ou de doutor, ou sabe Deus de quê? Abstraindo de vossa profissão, que sois? Qual é o vosso "estado de ser", independentemente de vossa condição social, dos vossos honorários: tirando isso, que sois? Pouco mais do que nada; nunca algo muito grande, e, sim, superficial e vazio.

Adquirir conhecimentos, eis o que chamamos educação. É fácil adquirir conhecimentos, bastando que se saiba ler. A educação, até agora, com efeito, tem constituido um meio de fugirmos de nós mesmos; e, como acontece com tôdas as fugas, engendra necessàriamente, mais confusão e mais sofrimentos. Sem compreenderdes o processo total de vós mesmos, que é a compreensão das vossas relações, o simples acumular de conhecimentos, o mero decorar de livros, para passar nos exames, é inteiramente futil. Não estou exagerando. Educação é compreender, e ajudar os outros a compreenderem o inteiro significado, o processo total de nossa existência. Cabe ao professor o dever de compreender o inteiro significado da sua ação, em relação com a sociedade, com o mundo; é por isso

essencial educar-se o educador. Para se produzir uma revolução no mundo é necessário que haja uma transformação em vossas ações; mas, evitamos a revolução radical em nós mesmos, queremos revolucionar o Estado, o mundo econômico! A educação, por conseguinte, tem de começar em vós mesmo, no *guru*. Se transmitis à criança os vossos preconceitos e tradições (*background*), a mente da criança reagirá de acôrdo com êsse condicionamento; e só quando estivermos livres de condicionamento será possível a verdadeira salvação do mundo.

PERGUNTA: Sou fumante, e desejo livrar-me do hábito de fumar. Podeis ajudar-me? (*risos*).

KRISHNAMURTI: Não sei porque estais rindo. O interrogante deseja saber como deixar de fumar. É um problema para êle, e com vossas risadas êle não fica resolvido. Com certeza fumais também, ou tendes outro hábito qualquer. Vamos descobrir a maneira de compreender todo êsse processo da formação de hábitos e da quebra de hábitos. Podemos tomar como exemplo o hábito de fumar, e podeis pôr no seu lugar vosso próprio hábito, o vosso problema particular, "experimentando" diretamente, com relação ao vosso próprio problema, como eu estou "experimentando" com relação ao problema de fumar. O hábito é um problema, torna-se um problema quando desejo abandoná-lo; enquanto estou satisfeito com êle, não é problema. Surge o problema, logo que desejo fazer algo com respeito a determinado hábito, quando o hábito se transformou num fator de perturbação. Fumar transformou-se, para mim, num fator de perturbação, por isso quero livrar-me do vício. Quero deixar de fumar, livrar-me do hábito, abandoná-lo; nessas condições, minha atitude com relação ao fumar é de resistência, de condenação. Isto é, não quero mais fumar; a minha atitude ou é a de reprimir o hábito, condená-lo, ou de dar-lhe um

substituto: em vez de fumar, mascar goma. Pois bem; é possível considerarmos o problema sem a tendência para condenar, justificar ou reprimir? Posso considerar o meu hábito de fumar, sem nenhuma tendência para a rejeição? Procurai experimentá-lo agora, enquanto falo, para verdes quanto é difícil o não rejeitar, o aceitar. Porque tôda a nossa tradição, todo o nosso fundo mental, estão-nos impelindo a rejeitar, ou a justificar, e nunca a investigar. Em vez de ficar passivamente vigilante, a mente quer sempre operar com relação ao problema. O problema, portanto, não é o fumar, mas, sim, a maneira como procedeis com relação ao fumar. Porque, se compreendeis que fumar é uma coisa estúpida, um desperdício de dinheiro, etc. — se o reconhecerdes, verdadeiramente, deixareis o hábito e não haverá mais problema. Fumar, beber, ou qualquer outro hábito é uma fuga de uma outra coisa qualquer; socialmente, dá-nos um sentimento de despreocupação. É uma fuga ao nosso próprio nervosismo, a um estado de perturbação; e o hábito se torna um fator de condicionamento. Fumar, pois, não é o problema. Se examinais o hábito de fumar, com a vossa memória, com a recordação de tentativas e fracassos anteriores, vós o examinais com uma conclusão já pronta. O problema, por conseguinte, não está no fato, mas, sim, na maneira como consideramos o fato. Já recorrestes à disciplina, ao contrôle, à negação, e não lograstes os resultados desejados. Por isso dizeis: "Continuarei a fumar, não posso deixar" — procurais justificar-vos, o que denota que não é muito inteligente a vossa maneira de examinar o fato. Assim, fumar ou qualquer outro hábito não é problema. O problema é o vosso pensamento, isto é, a vossa maneira de considerar o fato. *Vós* sois o problema, e não o hábito que formastes; se experimentardes realmente, vereis quanto é difícil livrar a mente da tendência para a con-

denação e a justificação. Quando vossa mente é livre, o problema de fumar, ou outro qualquer, é inexistente.

PERGUNTA: É necessária a continência ou a castidade para se alcançar a libertação?

KRISHNAMURTI: A pergunta está mal formulada. Para se alcançar a libertação nada é necessário. Ela não se obtém em troca de alguma coisa, pelo sacrifício, pela eliminação; não é coisa que se possa comprar. Se assim procederdes, obtereis uma mercadoria, que não é o real. A verdade não pode comprar-se; não há meio algum para se chegar à verdade; se há o meio, o fim não é a verdade, porque o meio e o fim são um só, não estão separados. A castidade como meio de libertação, como meio de se chegar à verdade, é negação da verdade. A castidade não é uma moeda, com a qual se possa comprar a verdade. Não podeis comprar a verdade com moeda alguma, não podeis comprar a castidade com moeda alguma. Só podeis comprar as coisas que conheceis, mas não podeis comprar a verdade, porque não a conheceis. A verdade só se manifesta quando a mente está tranquila, serena; o problema, pois, é inteiramente diferente, não achais?

Por que pensamos que é essencial a castidade? Por que se tornou o sexo um problema? Esta é que é a verdadeira questão, não achais? Compreenderemos o que é ser casto, quando compreendermos êsse pernicioso problema do sexo. Verifiquemos por que razão o sexo se tornou um fator tão importante em nossa vida, um problema maior do que a propriedade, o dinheiro, etc. Que entendemos por sexo? Não só o ato, mas também o pensar nêle, o sentir com relação a êle, a expectativa, a fuga — êste é que é o problema. Nosso problema é a sensação, o desejo de mais e mais. Olhai para vós mesmos, e não

para o vosso vizinho. Porque estão os vossos pensamentos tão ocupados com o sexo? A castidade só pode existir quando há amor, e sem amor não há castidade. Sem amor, a castidade é simples luxúria sob outro aspecto. *Tornar-se* casto é o mesmo que se tornar outra coisa; é a mesma coisa que um indivíduo se tornar poderoso, alcançar bom êxito como advogado, político preeminente, ou outra coisa qualquer — a modificação está no mesmo nível. Isso não é castidade, mas, sim, apenas o resultado final de um sonho, o produto da resistência contínua a um determinado desejo. Nosso problema, pois, não consiste em saber como nos tornarmos castos, ou como descobrir quais são as coisas necessárias para a libertação, mas sim o de compreender o chamado "problema do sexo". Porque se trata de um problema imenso, ao qual não podemos aplicar-nos com condenação ou justificação. Naturalmente, é muito fácil isolar-vos dêle — mas, nesse caso, criareis um novo problema. Êsse importantíssimo, absorvente e destrutivo problema do sexo só pode ser compreendido quando a mente se liberta de suas amarras. Pensai nêle a fundo; não o afasteis para o lado. Enquanto estiverdes ligado, pelo temor, pela tradição, a uma determinada ocupação, atividade, crença, idéia, enquanto estiverdes condicionado por essas coisas e a elas prêso, tereis êsse problema do sexo. Só quando a mente é livre de temor, existe o insondável, o inexhaurível; só então êste problema assume suas verdadeiras proporções. Podeis então atender a êle de maneira simples e eficaz, porque já não é um problema. Assim, a castidade deixa de ser um problema, quando há amor. A vida não é então um problema, a vida é para ser vivida, de maneira completa, na plenitude do amor; e essa revolução criará um mundo novo.

PERGUNTA: A idéia da morte aterroriza-me. Podeis ajudar-me a vencer o mêdo que tenho da minha própria morte e da morte dos entes que amo?

KRISHNAMURTI: Pensemos juntos nêste problema, e de maneira completa, pois precisamos achar a verdade que nele se contém, e não apenas uma opinião. Uma opinião nunca representa a verdade. A morte é um fato. Podeis querer furtar-vos a êle, fugir dêle, com a crença na reincarnação, na continuidade, na evolução; entretanto ela é um fato. Porque lhe temos horror? Que entendemos por morte? Entendemos, por certo, o findar de alguma coisa — do nosso corpo e das experiências acumuladas durante a vida: o fim psicológico de experiências acumuladas. Escrevem-se livros e mais livros sôbre a morte e o além. E, todavia, tememos a morte. Buscamos, por essa razão, a imortalidade, a continuidade, na propriedade, no título, no nome, em realizações, em nosso afã de imortalizar o desejo, a memória. Porque desejais continuar a existir? Que há que mereça subsistir? Vossas lembranças? As lembranças não são mais do que experiências acumuladas. Só no findar há criação, e não no continuar; por essa razão tem de haver a morte. Só na morte há renovação e não no subsistir. O não completamento da ação, no presente, cria o temor da morte, e enquanto existir o desejo de continuidade, haverá temor. O que continua está sujeito a deteriorar-se e nunca pode renovar-se. Mas, com a morte, cria-se o novo.

1 de janeiro de 1950.

III

UM dos nossos maiores problemas é a questão de viver criadoramente. A maioria de nós, evidentemente, temos vidas monótonas, reações muito superficiais. Considerando bem, a maioria das nossas reações são superficiais e, portanto, geradoras de problemas inumeráveis. Viver criadoramente não significa, necessàriamente, que um homem se torne um grande arquiteto ou um escritor de renome. Isso é simples capacidade e a capacidade é coisa inteiramente diversa do viver criador. Ninguém precisa saber que sois criador, mas vós, pessoalmente, podeis conhecer aquêle estado de extraordinária felicidade, aquela qualidade de indestrutibilidade. Mas isso não é fácil de realizar porque os mais de nós temos problemas sem conta — problemas políticos, sociais, econômicos, religiosos, domésticos — os quais procuramos resolver de acôrdo com certas explicações, certas regras, tradições, padrões sociológicos ou religiosos, que conhecemos bem. Mas a solução que damos a um problema, parece criar sempre novos problemas, e tecemos, por essa maneira, uma rede de problemas, cada vez mais numerosos e de maior potência destruidora. Quando buscamos uma solução, uma maneira de sair desta desordem, desta confusão, bus-

camo-la num determinado nível. Devemos ter a capacidade de ir além de todos os níveis porque o viver criador não se encontra em nenhum nível, isoladamente. A ação criadora só vem à existência quando compreendemos as relações, e as relações são a comunhão com outros seres. Não é, pois, em verdade, um escopo egoístico o interêsse pela ação individual. Julgamos que muito pouco podemos fazer neste mundo, que os grandes políticos, os escritores famosos, os grandes guias religiosos são homens capazes de ação fora do comum. Em verdade, entretanto, vós e eu somos infinitamente mais capazes de produzir uma transformação fundamental do que os políticos profissionais e os economistas. Se dermos atenção às nossas próprias vidas, se compreendermos as nossas relações com os outros, teremos criado uma nova sociedade; do contrário, não faremos mais do que perpetuar a atual desordem e confusão.

Assim, o interêsse pela ação individual não é produto de egoismo ou do desejo de poder; e se pudermos descobrir uma maneira de viver que seja criadora, em vez de apenas nos ajustarmos aos padrões religiosos, sociais, políticos, ou econômicos, como o fazemos atualmente, penso que seremos então capazes de resolver os nossos muitos problemas. Presentemente, somos meros gramofones, sempre a repetir as mesmas coisas. Talvez mudemos os discos ocasionalmente, mas os mais de nós sempre temos as mesmas músicas para cada ocasião. É esta constante repetição, esta perpetuação da tradição, que constitui a fonte do problema, com tôdas as suas complexidades. Parecemos incapazes de romper as cadeias do conformismo, embora, ocasionalmente, desejemos substituir o atual conformismo por um novo conformismo, ou tentemos modificar o padrão atual. É um constante processo de repetição, de imitação. Somos budistas, cristãos ou hinduistas, pertencemos à esquerda ou à direita. Ci-

tando os vários livros sagrados, repetindo sempre, pensamos que iremos resolver os problemas humanos. Evidentemente a repetição não resolverá os problemas humanos. Que têm feito os "revolucionários" em benefício das chamadas massas? Os problemas continuam a existir. O que acontece é que esta constante repetição de uma idéia impede a compreensão do próprio problema. Pelo autoconhecimento é-nos dada a capacidade de nos libertarmos desta repetição. É possível, então, viver naquele estado criador, que é sempre novo, e no qual, consequentemente, estamos sempre aptos a enfrentar cada problema de maneira nova. Nossa dificuldade, afinal de contas é que, tendo êsses imensos problemas, nós os atendemos com conclusões velhas, com o nosso acervo de experiências, próprias ou adquiridas de outros; e vamos, assim, ao encontro do novo com o velho, resultando daí a criação de mais um problema. Viver criadoramente é viver sem aquêle *back-ground*, aquêle acervo de coisas velhas: o novo é enfrentado com o novo, e por isso não cria problemas adicionais. É necessário, por conseguinte, enfrentar o novo com o novo, até podermos compreender o processo total, todo o problema decorrente desta situação de crescentes desastres, sofrimentos, miséria, guerra, desemprêgo, desigualdade, choques de ideologias. Esta luta e esta confusão não podem ser resolvidas pela repetição das velhas praxes. Se vos aplicardes com um pouco mais de atenção e sem preconceito, sem tendências religiosas, vereis que há problemas muito mais importantes; e uma vez livre do conformismo e da crença, sereis capaz de enfrentar o que é novo. Esta capacidade de enfrentar o novo com o novo se chama estado criador, e é, sem dúvida, a forma mais elevada de religião. A religião não é apenas uma crença, não é a observância de certos ritos e dogmas, o denominar-vos isso ou aquilo. A verdadeira religião, consiste em experimentar um estado

em que há criação; não é uma idéia, um processo; só surge quando há liberdade, quando estamos livres do "eu". Essa liberdade só pode existir pela compreensão do "eu", nas relações, pois não é possível a compreensão no isolamento.

Conforme sugeri, ao responder às perguntas, no domingo passado, é muito importante "experimentar" cada questão proposta, em vez de ficar apenas ouvindo as minhas respostas — e que descubramos juntos a verdade contida na questão, — o que é muito mais difícil. A maioria de nós gostaria mais de permanecer apartada do problema, observando os outros; mas, se pudermos descobrir juntos, viajar juntos, de modo que êsse viajar seja uma experiência *vossa*, e não minha, embora estejais ouvindo as minhas palavras — se pudermos caminhar juntos, isso, então, será de valor e importância duradouros.

PERGUNTA: Advogais o vegetarianismo? Farieis objeção à inclusão de um ôvo em vosso regime alimentar?

KRISHNAMURTI: É realmente um problema muito importante, se devemos ou não comer um ôvo? Talvez tenhais, os mais de vós, a preocupação de não matar. Êsse é realmente o nó da questão, não é verdade? Mas, talvez, comeis carne ou peixe. Para evitar o matar, ides ao açougue, e transferis a culpa para o magarefe, o matador — o que significa, apenas, furtar-se ao problema. Se gostais de ovos, podeis comprar ovos estéreis para evitar o matar. Mas esta é uma questão muito superficial: o problema é muito mais profundo. Não desejais matar animais, para o vosso estômago, mas não vos repugna apoiar governos que estão organizados para matar. Todos os governos soberanos se baseiam na violência e por isso precisam de exércitos, de marinhas e fôrças aéreas. Não vos repugna apoiá-los e, entretanto, fazeis

objeção à terrível calamidade de se comer um ovo! (risos) Vêde bem como isso é ridículo; investigai a mentalidade de um homem que é nacionalista, a quem não repugna a exploração e a impiedosa destruição de entes humanos, para quem o morticínio a granel nada significa... mas que tem escrúpulos a respeito do que lhe entra pela bôca (risos). Como vemos, êste problema encerra muito mais: isto é, não só a questão do matar, mas também o uso correto da mente. A mente pode funcionar dentro de limites estreitos, ou é capaz de extraordinária atividade. Mas os mais de nós nos satisfazemos com a atividade superficial, com a segurança, a satisfação sexual, o divertimento, a crença religiosa; contentamo-nos com isso e rejeitamos inteiramente a reação mais profunda e o significado mais amplo da vida. Até os guias religiosos se tornaram superficiais em sua reação à vida. Afinal de contas, o problema diz respeito não sòmente à matança de animais, mas, o que é mais importante, à matança de entes humanos. Podeis abster-vos de utilizar e aviltar os animais, podeis sentir compaixão por serem sacrificados, mas o que tem importância nesta questão é o problema da exploração e do matar — não apenas a matança de entes humanos, em tempo de guerra, mas também a maneira como explorais os outros, a maneira como tratais os vossos criados, e os olhais de cima para baixo, como inferiores. Provàvelmente não estais dando atenção a isso, porque está muito perto de vós. Achais preferível discutir a respeito de Deus, da reincarnação, mas não quereis saber de nada que requeira ação imediata e implique responsabilidade.

Nessas condições, se realmente vos interessa o não matar, não deveis ser nacionalista, não deveis denominar-vos sinhalês, alemão ou russo. Deveis ter também uma ocupação justa e fazer uso apropriado da máquina. É muito importante, na sociedade moderna, ter um em-

prêgo apropriado, porque hoje em dia tôda ação leva à guerra, tudo está aparelhado para a guerra; mas, pelo menos, é-nos dada a possibilidade de averiguar quais são as profissões maléficas e de evitá-las inteligentemente. Sem dúvida, o exército, a marinha são profissões perniciosas; também o é a profissão de advogado, porque alimenta litígios, e a polícia, principalmente a polícia secreta. O emprêgo apropriado, portanto, tem de ser encontrado e exercido por cada um de nós, e só então findará a carnificina e nascerá a paz entre os homens. Mas tão grande é a pressão econômica, no mundo moderno, que muito poucos são capazes de suportá-la. Quase ninguém se preocupa em escolher uma profissão decente; e se vos interessa a questão de não matar, tendes então de fazer muito mais do que simplesmente evitar a matança de animais, o que significa que tendes de examinar com muita atenção todo êste problema relativo à ocupação justa. Embora a questão possa parecer muito superficial, se lhe derdes mais atenção, vereis que é uma questão importantíssima, porque, o que sois, fazeis que o mundo seja. Se sois ganancioso, irascível, ávido de posse, criareis inevitàvelmente uma estrutura social produtora de mais conflito, sofrimento, e destruição. Mas, infelizmente, essas coisas não interessam à maioria de nós. Só nos interessam, em geral, os prazeres imediatos, o sustento de cada dia; e se os conseguimos, ficamos satisfeitos. Não queremos considerar os problemas mais profundos e mais amplos; embora saibamos que êles existem, preferimos evitá-los. Ao evitar êsses problemas, fazemo-los crescer, não os resolvemos. Para os resolver, não deveis chegar-vos a êles com ideologia alguma, seja da esquerda, seja da direita. Considerai êsses problemas com mais atenção e de maneira mais eficaz, e começareis a compreender o processo total de vós mesmos em relação com os outros, que é a sociedade.

Mas, direis que não respondi à pergunta relativa ao ovo, que não disse se se pode ou não comer ovos. Ora, a inteligência é o que tem importância; não o que nos entra pela boca, mas, sim, o que dela sai; e os mais de nós já enchemos os nossos corações com as coisas da mente, e nossas mentes são muito estreitas e superficiais. Nosso problema é de como produzir uma transformação naquilo que é superficial e estreito; e essa transformação só é realizável pela compreensão daquilo que é superficial. Aquêles de vós que desejarem aprofundar mais esta questão, devem averiguar se estão contribuindo para a guerra, e a maneira de o evitar. Cumpre-vos averiguar se sois, indiretamente, causa da destruição. Se puderdes resolver esta questão, realmente, ser-vos-á, então, fácil resolver a questão superficial sôbre se um homem deve ser vegetariano ou não. Estudai o problema em nível muito mais profundo, e encontrareis a solução.

PERGUNTA: Dizeis que a realidade ou a compreensão existe no intervalo entre dois pensamentos. Quereis ter a bondade de explicar?

KRISHNAMURTI: Esta é, com efeito, uma maneira diferente de fazer a pergunta "Que é meditação?". Enquanto respondo a esta pergunta, tende a bondade de "experimentar", de descobrir como a vossa própria mente funciona, o que, afinal de contas, é um processo de meditação. Estou pensando em voz alta, junto convosco, e não superficialmente... eu não estudei. Estou apenas pensando em voz alta, convosco, a respeito da questão, para que possamos todos viajar juntos e descobrir a verdade nela contida.

O interrogante faz uma pergunta relativa ao intervalo existente entre dois pensamentos, no qual existe a compreensão. Antes de podermos investigar isso, precisamos averiguar o que se entende por pensamento. Que

entendeis por "pensar"? A indagação está-se tornando um pouco séria demais? — Mas tende a paciência de ouvir-me. Quando pensais uma coisa — sendo o pensamento uma idéia — que significa isso? Não é o pensamento uma reação à influência, o produto da influência social, ambiental? Não é o pensamento o conjunto de tôda a experiência, reagindo? Digamos, por exemplo, que tendes um problema e estais tentando pensar a seu respeito, analisá-lo, estudá-lo. Como procedeis? Não estais considerando o problema presente com a experiência de ontem — sendo ontem o passado — com conhecimentos passados, história passada, experiência passada? Temos, pois, o passado, que é memória, reagindo ao presente; e a essa reação da memória ao presente chamais pensar. O pensamento é simples reação do passado, em conjunção com o presente, não é verdade? E para os mais de nós o pensamento é um processo contínuo; mesmo quando dormimos há uma atividade constante, sob a forma de sonhos, não havendo nunca um minuto em que a mente está de fato quieta. "Projetamos" uma imagem e ficamos vivendo no passado ou no futuro, como o fazem muitos velhos e alguns moços, ou à semelhança dos dirigentes políticos, que vivem a prometer-nos uma maravilhosa Utopia (risos). E nós a aceitamos, porque todos queremos o futuro, e sacrificamos o presente ao futuro. Entretanto, não conseguimos saber o que irá acontecer amanhã ou daqui a cinquenta anos. Vemos, pois, que o pensamento é a reação do passado em conjunção com o presente; isto é, o pensamento é experiência correspondendo ao desafio, o que é reação. Não há pensamento se não há reação. A reação representa o cabedal do passado: reagis como budista, como cristão, de acôrdo com a esquerda ou com a direita. Êsse é o fundo, e essa a constante reação aos desafios; e a reação do passado ao presente, chama-se pensar. Nunca há um momento de ausência do pensa-

mento. Não notastes que vossa mente está sempre ocupada com uma coisa ou outra, sempre cheia de preocupações pessoais, religiosas ou políticas? Está ela constantemente ocupada; e que acontece à vossa mente, que acontece a qualquer máquina que é submetida a uso constante? Gasta-se. É da própria natureza da mente estar sempre ocupada com alguma coisa, estar em constante agitação; procuramos, por isso, controlá-la, dominá-la, reprimi-la; e se conseguimos bons resultados, pensamos ter-nos tornado grandes santos, religiosos, e paramos então de pensar.

Pois bem, haveis de notar que no processo do pensar há sempre um intervalo, uma pausa entre dois pensamentos. Enquanto me escutais, que se passa exatamente em vossa mente? Estais escutando, talvez "experimentando" aquilo sôbre que estamos falando, aguardando o esclarecimento, a experiência do próximo momento. Estais vigilante; há pois uma vigilância passiva, um percebimento atento. Não há reação alguma; há um estado de passividade, no qual a mente se acha fortemente receptiva, mas não há pensamento algum — isto é, estais experimentando realmente o que estou dizendo. Essa vigilância passiva é o intervalo entre dois pensamentos.

Suponhamos que tenhais um problema novo — e os problemas são sempre novos — como vos aplicais a êle? É um problema novo, e não um problema velho. Podeis reconhecê-lo como velho, mas sempre que há um problema, êle é novo. É como um dêsses quadros modernos, com que estais completamente desacostumados. Que acontece, se desejais compreendê-lo? Se vos chegais a êle com a vossa formação clássica, será de rejeição a vossa reação ao desafio, que é aquele quadro; nessas condições, se desejais compreender o quadro, vossa formação clássica tem de ser posta de parte, do mesmo modo como, se desejais compreender o que estou falando, tendes de esquecer-vos de que sois budista, ou cristão, ou qualquer outra coisa. Pre-

cisais contemplar o quadro sem o vosso preparo clássico, com percebimento passivo e vigilância da mente, e então o quadro começa a revelar-vos a sua significação. Isso só é possível quando a mente se acha em estado de vigilância, não tentando condenar ou justificar o quadro; isso só pode ocorrer quando o pensamento não existe e a mente está tranquila. Podeis fazer a experiência, e vereis como é extraordinàriamente verdadeira uma mente tranquila. Só então é possível a compreensão. Mas a constante atividade da mente impede a compreensão do problema.

Expressando a mesma coisa de outra maneira: Que fazeis, quando tendes um problema, um problema agudo? Pensais a seu respeito, não é verdade? Que significa "pensar a seu respeito"? Significa trabalhar para achar uma solução, procurar uma solução conforme vossas conclusões prévias. Quer dizer, procurais ajustar o problema a certas conclusões apriorísticas, e se conseguis ajustá-lo, pensais tê-lo resolvido. Mas não se resolvem problemas guardando-os nos escaninhos da mente. Pensais no problema com a lembrança de conclusões passadas e procurais verificar o que disse o Cristo, o Budha, X, Y ou Z, a fim de aplicar essas conclusões ao problema. Por êsse modo não resolveis o problema e, sim, apenas o cobris com os resíduos de problemas anteriores. Quando tendes um problema verdadeiramente importante e difícil, êsse processo não dá resultado. Dizeis então que tentastes todos os meios mas que não podeis resolvê-lo. Indica isso que não estais esperando que o próprio problema vos revele o seu histórico. Mas quando a mente está aliviada de tôda a tensão, não mais fazendo esfôrço algum, quando se acha quieta, por uns poucos segundos, então o problema se revela e é resolvido. Acontece isso quando a mente está tranquila, no intervalo entre dois pensamentos, entre duas reações. Nesse estado mental surge a compreensão; mas esta requer extraordinária vigilância

de cada movimento do pensamento. Quando a mente está cônscia de sua própria atividade, do seu próprio processo, há então tranquilidade. Afinal, o autoconhecimento é o comêço da meditação, e se não conheceis o processo total de vós mesmo, não podeis conhecer a importância da meditação. O simples ato de alguém se sentar defronte de uma imagem ou de repetir certas frases não é meditação. A meditação é uma parte da vida de relação; é o percebimento do processo do pensamento no espêlho das relações. Meditação não é subjugação, mas a compreensão do inteiro processo do pensar. Então, o pensamento cessa, e só nesse cessar se encontra o comêço da compreensão.

PERGUNTA: Que acontece a um indivíduo, com a morte? Continua a existir ou se aniquila?

KRISHNAMURTI: Ora, é muito importante averiguarmos de que ponto de vista nos interessa esta questão. Endereçai a vós próprios a mesma pergunta e descobrí como a receberieis, individualmente. Porque fazeis esta pergunta? Qual o motivo que vos faz perguntar se há aniquilamento total? Ou a questão vos interessa, porque desejais conhecer a verdade, e não estais portanto em busca de satisfação pessoal; ou desejais uma solução porque tendes medo? Se vos interessais pela questão porque temeis a morte e desejais continuar a existir, então vossa pergunta receberá uma resposta que vos satisfaça, porque estais apenas em busca de consolação. Podeis, nesse caso, obter o mesmo resultado abraçando uma nova crença que vos satisfaça, ou tomando um entorpecente. Quando sofreis, desejais tornar-vos insensível. O sofrimento é reação da sensibilidade; isto é, a sensibilidade causa a dor, e quando sentis dor, desejais um anestésico. Assim ou desejais achar a verdade contida na questão, ou estais apenas em busca de um entorpecente... mas, naturalmente, não o expressais de forma tão crua. Desejais ser

confortados; perguntais, porque temeis a morte e desejais ter certeza da continuidade. Tereis a resposta que convenha ao vosso ponto de vista, evidentemente. Se estais em busca de consolação, não estais buscando a verdade; se tendes medo, não estais procurando averiguar o que é real. Assim, deveis em primeiro lugar ser muito ponderado no vosso pensar. A maioria de nós tem medo de buscar a verdade. Os mais de nós temos medo de que não haja continuidade e desejamos uma garantia de que continuaremos a existir. Averiguemos juntos se há continuidade; podeis desejá-la, mas pode ser que ela não exista.

Que se entende por continuidade e por findar? Que é que continua? Estamos tentando descobrir a verdade relativa à continuidade e a verdade relativa à não-continuidade, e temos por isso de examinar o que é que tem continuidade, em nossa vida de cada dia. Tendes observado a vós mesmo, na continuidade, em relação com os bens que possuis, com vossa família, vossas idéias? Dizeis uma centena de vêzes: "Isto é minha propriedade, minha reputação" — e assim se cria a continuidade. Dizeis: "meu nome, minha mulher, meu trabalho, meu emprêgo, minhas ambições, minhas características, ou tendências; sou uma personalidade importante, ou uma personalidade insignificante que procura tornar-se importante — eis o que sois na vida de cada dia, não espiritualmente, mas de fato. Evidentemente, tudo isso não passa de lembranças, e desejais saber se êsse feixe de lembranças, identificadas como vossa pessoa, perdurará. "Vós" não estais separado do feixe. Não há um "Vós", como entidade diferente da memória. O "Vós" poderá ser colocado num nível mais alto, mas mesmo nesse nível, continúa dentro da esfera da memória, do pensamento; e desejais saber se isso perdurará. A memória é palavra, símbolo, retrato, imagem; sem a palavra não existe a memória. O símbolo,

a imagem, a cena já passada, a lembrança de certas relações — tudo isso é o "Vós", isto é, a palavra. Desejais saber se esta palavra, que está identificada com a memória, continuará a existir. Por outros termos, procurais a eternidade através da memória identificada como "Vós". Não sois diferente das várias qualidades que concorrem para a formação do "Vós". Por conseguinte, vós sois a casa, a lembrança, a experiência, a família; não estais separado da idéia. E desejais saber se êsse "vós" continua a existir.

Ora, porque desejais saber? Qual o motivo, qual a fôrça que vos impele? Dizeis: "Já estou acabado, necessito de mais espaço, para crescer, para "vir a ser"; a vida é curta demais, necessito de outra oportunidade". Pois bem, já notastes que a idéia, o pensamento, pode continuar? Podeis "experimentá-lo" por vós mesmo, é muito simples. O pensamento, como memória, como idéia, continúa. Assim, estais com a pergunta respondida. O "Vós" que continua é apenas um feixe de lembranças, isto é, quando há identificação do pensamento como "eu sou", essa coisa superficial, sob uma ou outra forma, há de continuar, como antes o pensamento continuava. O "vós", como idéia, como pensamento, continúa; mas isso não é muito satisfatório, porque tendes uma idéia de que sois algo mais do que o pensamento e desejais saber se êsse "algo mais" continúa. Não *há* nada mais: "vós" sois apenas o resultado de influências sociais e ambientais, isto é, "vós" sois o resultado de condicionamento. Podeis dizer: "Que insensatez, falar de vida futura! Isso é uma tolice supersticiosa"; outros, diferentemente condicionados, crêem que há algo mais. Sem dúvida, não há muita diferença entre os dois. Ambos estão condicionados, um para crer e o outro para não crer. A crença, sob qualquer forma, é prejudicial ao descobrimento da verdade. A crença na continuidade e

a crença na não-continuidade são, tanto uma como outra, prejudiciais ao descobrimento da verdade. Para se descobrir o que é a verdade, não pode haver nem temor, nem crenças, porquanto estas coisas acorrentam a mente. Só quando termina a continuidade se pode conhecer a verdade daquilo que está além da continuidade.

Formulando-o diferentemente: a morte é o desconhecido, é sempre nova, e para a compreenderdes precisais abordá-la com uma mente fresca, uma mente que seja nova e não uma mera continuação do passado. Nesse estado, sois capaz de conhecer o significado da morte. Presentemente, nada sabemos nem da vida nem da morte e estamos ansiosos por saber o que é a morte. O pensamento tem de terminar, para dar lugar à vida. Há necessidade da morte, para que a vida floresça. Quando a vida é apenas a continuidade do pensamento, essa continuidade nunca pode conhecer a realidade. Se estais buscando a continuidade, vós a tendes, em vossa casa, vossa ocupação, vossos filhos, vosso nome, vossa propriedade, em certas qualidades: tudo isso sois "vós"... pensamento continuado. Só se pode conhecer a imortalidade em cessando o pensar, quando, graças à compreensão, termina o processo do pensamento. Só podemos pensar numa coisa que já conhecemos. Assim, quando pensais em vós mesmo como uma entidade espiritual, esta é vossa própria projeção, coisa nascida do passado; por conseguinte, não é espiritual. Só quando se compreende a continuidade, tem fim o pensamento — o que representa um processo extraordinário, que requer muita vigilância, não disciplina, nem votos, nem dogmas, credos, crenças ou o que mais seja. Só há imortalidade quando a mente está completamente serena, e essa serenidade vem quando o pensamento é compreendido.

PERGUNTA: Oro a Deus e minhas preces são atendidas. Isso não prova a existência de Deus?

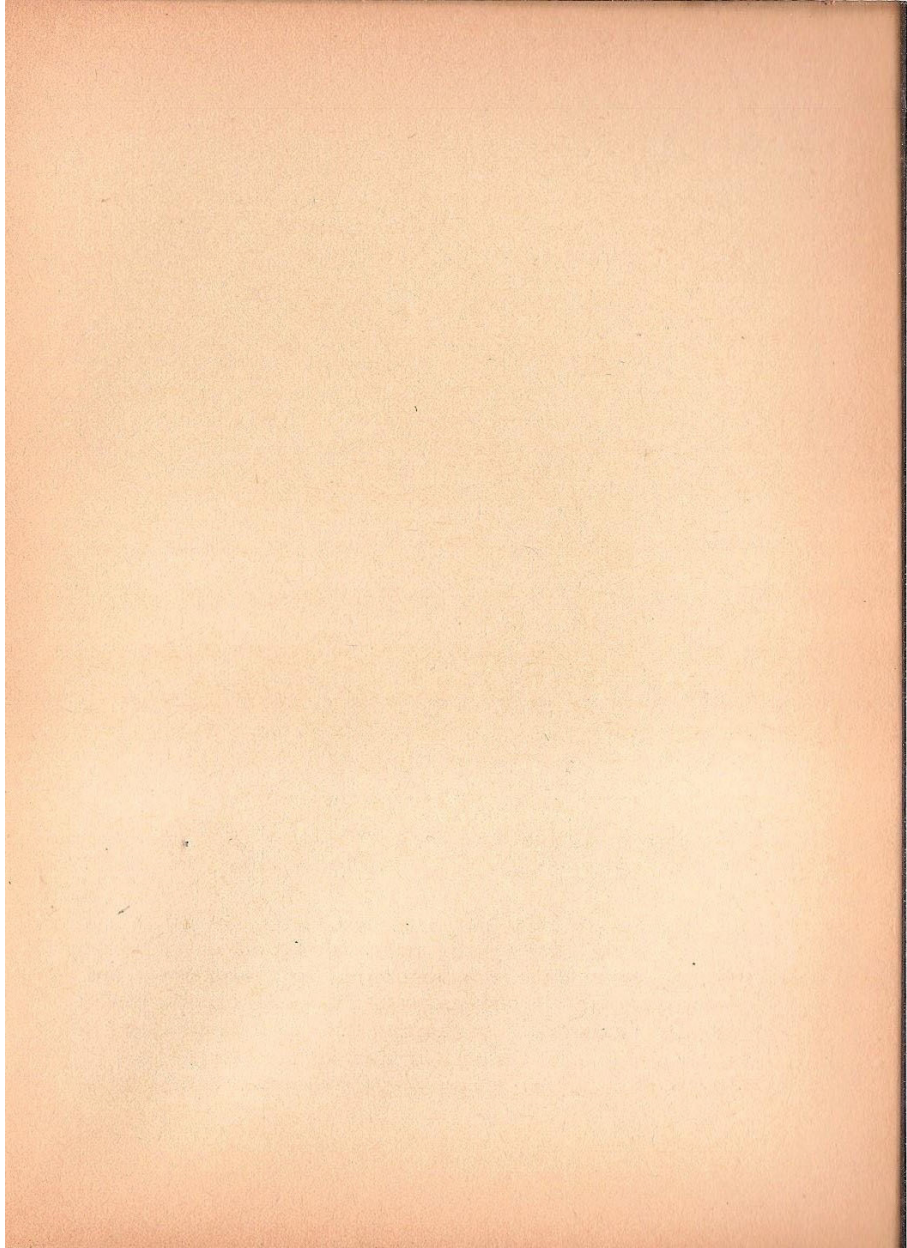
KRISHNAMURTI: Se tendes prova da existência de Deus, então isso não é Deus (risos) porque tôda prova é produto da mente. Como pode a mente provar a existência ou a não-existência de Deus? Vosso Deus, consequentemente, é uma projeção da mente, segundo a vossa satisfação, apetite, felicidade, prazer ou temor. Essa coisa não é Deus e sim mera criação do pensamento, uma projeção do conhecido, que é o passado. O que se conhece não é Deus, embora a mente o procure, embora esteja ativamente empenhada na busca de Deus.

Diz o interrogante que as suas preces são atendidas, e pergunta se isso não prova a existência de Deus. Precisais de uma prova de amor? Quando amais, precisais de prova? Se pedis uma prova de amor, isso é amor? Se amais vossa espôsa, vosso filho, e desejais prova, então, êsse amor, sem dúvida, é uma transação. Assim, vossas preces a Deus não passam de uma transação (risos). Não riais; — considerai a questão a sério, como um fato. O interrogante se dirige àquilo que êle chama Deus, por meio de súplica e petição. Não se pode encontrar a realidade por meio de sacrifícios, de deveres, de responsabilidade, porque essas coisas são meios para se chegar a um fim, e o fim não é diferente dos meios. Os meios *são* o fim.

A outra parte da pergunta é: "Oro a Deus e minhas preces são atendidas". Vamos examiná-la. Que entendeis por prece? Rezais, quando sentis alegria, quando sentis felicidade, quando não há confusão, nem sofrimento? Só rezais quando há sofrimento, quando sentis perturbação, mêdo, agitação, e vossa prece é súplica, petição. Quando sois prêsa do sofrimento, desejais que

alguém vos ajude a libertar-vos dêle, que uma entidade superior vos dê a mão; e êsse processo de súplica, sob diferentes formas, se chama prece. Pois bem, que acontece então? Estendeis a mão suplicante a alguém, não importa quem seja: um anjo, ou vossa projeção, que chamais Deus. Quando uma pessoa pede, obtém alguma coisa... mas se essa coisa é real ou não, é questão diferente. Desejais ver dissolvidos vossa confusão e vossos sofrimentos; recorreis então às vossas frases tradicionais, à vossa devoção, e a constante repetição, sem dúvida, torna a mente tranqüila. Mas isso não é tranquilidade; a mente é posta, meramente, num estado de inércia, posta a dormir. Nessa tranquilidade provocada, quando há súplica, há resposta. Mas não é, absolutamente, uma resposta de Deus, e sim, de vossa própria "projeção" enfeitada. Eis a resposta à pergunta. Mas não desejais investigar essas coisas, e é por isso que fazeis a pergunta. Vossa oração é súplica; só vos interessa uma resposta à vossa oração, porque desejais livrar-vos de uma tribulação. Há algo que vos corroi o coração, e pela oração vós vos insensibilizais e aquietais. Nessa tranquilidade artificial há uma resposta, uma resposta satisfatória, está visto, pois do contrário a rejeitaríeis. Vossa oração vos proporciona satisfação, e essa satisfação, por conseguinte, é coisa que vós mesmo criastes. É vossa própria projeção que vos socorre. Êsse é um tipo de oração. E temos também a espécie de oração deliberada, que consiste em pôr a mente quieta, receptiva, e aberta. Como pode a mente estar aberta, se está condicionada pela tradição, pelo acervo do passado? Estar aberto implica compreensão, capacidade de seguir o imponderável. Quando a mente está presa, amarrada a uma crença, não pode estar aberta. Quando está deliberadamente aberta, é óbvio que tôda resposta que obtém é uma projeção dela própria. Só quando a mente é "descondicionada", quando

conhece a maneira de atender a cada problema que surge, só então não existem mais problemas. Enquanto existir o *fundo* que condiciona, há de criar problemas; enquanto houver continuidade haverá agitação e sofrimentos sempre crescentes. Receptividade é a capacidade de estar aberto, sem condenação, nem justificação, para *o que é;* e é a *isso* que procurais fugir, por meio da oração.

8 de janeiro de 1950.

IV

Existe sem dúvida grande confusão em tôda a parte, não apenas dentro de nós mesmos, individualmente, mas também no mundo e entre nossos pseudo dirigentes. Sempre que há confusão, há também o desejo de encontrar alguém que nos tire de nossas dificuldades e então apelamos para uma autoridade, desta ou daquela espécie. Transferimos a responsabilidade para os nossos guias, ou buscamos um padrão de ação, ou voltamos a nossa atenção para o passado ou para o futuro, tentando descobrir o que nos cumpre fazer. Nossa moral baseia-se no padrão de ontem ou no ideal de amanhã; e quando falham tanto a tradição como o ideal do futuro, recorremos a uma autoridade. Porque os mais de nós queremos segurança, queremos alguma espécie de refúgio de tôda esta agitação e o buscamos na moral segundo um padrão do passado, ou numa dada espécie de ideal; atemo-nos a um modêlo, na esperança de nos livrarmos da confusão, da incerteza. Nosso ideal é uma projeção de nós mesmos, criada pela interpretação de vários livros, e pomos todo o nosso intento no descobrir alguma coisa — uma pessoa, uma idéia, um sistema — que nos liberte da confusão. Assim, pois, vendo-nos na confusão e na incerteza, buscamos a auto-

ridade externa ou interna e consumimos nossas energias no esfôrço de nos ajustarmos ao padrão tradicional ou ao ideal do que "deveria ser". A conformidade, evidentemente, em qualquer nível, nega a inteligência, que é a capacidade de adaptação, de pronta reação ao desafio; e quando não está funcionando essa inteligência, ajustamo-nos a um padrão, à autoridade. É o que está acontecendo no mundo, atualmente, não é verdade? Estamos confusos, individualmente, e porque estamos confusos, incertos em nós mesmos, apelamos para alguém. Não é necessária, para descobrir, a insegurança, a incerteza? Podeis descobrir alguma coisa se estais cheio de certeza? Não é essencial que estejais incerto, para descobrir a realidade, ou como quer que se chame? É necessário êsse estado de incerteza, êsse estado de constante investigação — não para se achar um resultado, mas para investigar cada incidente, cada pensamento e cada sentimento que surge, o que significa compreender a experiência, momento por momento.

Assim confusos e incertos, não achais que a observância de um padrão é prejudicial à inteligência, à verdadeira integridade interior? Porque o padrão, o sistema, conduz afinal à segurança; e como pode uma pessoa que, psicològicamente, está em segurança, descobrir alguma coisa? É claro que necessitamos de segurança física, mas a segurança física é destruida pela busca de segurança psicológica. O desejo de segurança psicológica, por certo, impede a reação criadora — que é inteligência — ante a vida. Por conseguinte, é evidente que o nosso problema não se refere à substituição de um padrão por outro, mas a como ficarmos livres de padrões, para podermos corresponder a cada desafio de maneira nova. Isso é realidade, não? — realidade é compreender cada momento da vida, tal como é, não o interpretando de acôrdo com nossa experiência passada. Como pode uma mente peada pela

autoridade, própria ou alheia, uma mente que se conforma, que imita, que segue determinado padrão de ação, como pode essa mente compreender o real, compreender o que *é*, em cada minuto do pensamento e do sentimento? A mente que está onerada pela autoridade, pela confusão, pela disciplina, não pode evidentemente achar aquilo que é livre. Pode uma mente disciplinada, controlada, subjugada, ser livre? Pode um meio errôneo levar a um fim correto? Para descobrir o real, deve a mente ser livre desde o comêço, e não no fim. Como pode haver liberdade para a mente que se conforma, que apenas imita, que segue um determinado método de ação? E a mente há de seguir padrões de ação, há de disciplinar-se, conformar-se, enquanto existir o temor da insegurança psicológica. Fìsicamente, necessitamos de roupas, de alimentos, de um teto; mas quando há certeza psicológica, esta não exclui a investigação e portanto o descobrimento? Sem dúvida o descobrimento só é possível na liberdade, e não num modo de ação disciplinada segundo um padrão.

Nossa investigação, pois, não visa a descobrir o que é disciplina, ou qual o sistema ou método de ação que devemos seguir, mas, sim, a como libertar a mente do medo à insegurança. Não é essencial, para a mente, a insegurança? Por certo, só na insegurança existe a possibilidade de se compreender o que é falso. Exige ela uma certa vigilância, a não aceitação de autoridade alguma. Assim, a mente que deseja compreender a realidade tem de estar livre, desde o comêço, de tôda compulsão, interna ou externa; isto é, tem de achar-se num estado de incerteza, não vinculada a nenhuma crença ou ideal, que são meros refúgios. Só então, de certo, é a mente despreocupada, desprendida, feliz; e só a mente nêsse estado é capaz de compreensão do que é verdadeiro. A capacidade de compreender exige um estado livre de conformismo, vale dizer, livre do temor. Afinal de contas, nós nos

conformamos porque somos ignorantes e sentimos mêdo; mas não é um fato que o não-saber é essencial para que se manifeste o desconhecido? Se observardes, vereis como a mente está sempre a mover-se do conhecido para o conhecido; mas só quando a mente está livre do conhecido pode receber o desconhecido, o que significa que deve estar inteiramente livre de tôda e qualquer tendência para o conformismo, a autoridade, ou a imitação. A maior calamidade, na moderna civilização, é que, à semelhança de discos de gramofone, vivemos repetindo o que está dito nos livros, no Alcorão, na Bíblia, etc. etc. Ora, a mente que repete não está de fato em busca da compreensão, visto que é incapaz de estar incerta; e a incerteza é essencial para o descobrimento.

PERGUNTA: *Por que não tomais parte na política ou na reforma social?*

KRISHNAMURTI: Já notastes como a política e a reforma social se tornaram extraordinàriamente predominantes em nossas vidas, nos tempos atuais? Todos os jornais e a maioria das revistas, salvo as de gênero puramente "escapista", estão cheios de política, de estudos econômicos, e outros problemas. Já perguntastes a vós mesmos qual o motivo dessa orientação, por que razão os entes humanos estão atribuindo tamanha importância à política, à economia, e à reforma social? As reformas são necessárias, em vista da confusão econômica, social e política, e da geral deterioração das condições de vida do homem, depois das duas guerras. Agrupam-se, por isso, multidões em tôrno dos guias políticos; as ruas ficam apinhadas de gente que os quer ver, como se fossem animais exóticos... os homens que querem resolver o problema no nível econômico, social ou político, sem levar em conta o processo total do homem. Podem êsses problemas ser atendidos separadamente, independentemente

do problema psicológico total do homem? Podeis possuir um sistema perfeito, que julgais capaz de resolver os problemas econômicos do mundo, mas um outro terá também o seu sistema perfeito; e os dois sistemas, representando duas ideologias diferentes, se combaterão. Enquanto estiverdes a lutar por causa de idéias, de sistemas, não haverá uma revolução verdadeira e radical, nunca será possível a transformação fundamental da sociedade. As idéias não transformam os homens. É a libertação das idéias que causa a transformação. Revolução baseada em idéia não é revolução, mas apenas uma continuação do passado num estado modificado. Isso, evidentemente, não é revolução.

O interrogante deseja saber porque não tomo parte na política ou na reforma social. Ora, se compreendemos o processo total do homem, atendemos então aos fatos fundamentais em vez de ficarmos meramente a podar determinados ramos da árvore. Mas a maioria de nós não tem interêsse pelo problema na sua totalidade. Só nos interessa a reconciliação, o ajustamento superficial, e não a compreensão fundamental do homem, como um processo total. É muito mais fácil ser especialista num determinado nível. Os especialistas do nível econômico ou do nível político deixam a outros especialistas o nível psicológico, e assim nos tornamos escravos dos especialistas: somos sacrificados pelos especialistas a uma idéia. Nessas condições, só haverá possibilidade de uma revolução fundamental quando compreenderdes o processo total de vós mesmo, não como indivíduo oposto à massa, à sociedade, mas como um indivíduo em relação com a sociedade; porque sem vós a sociedade não existe, sem vós não pode haver relações com outras pessoas. Não haverá revolução nem transformação fundamental enquanto não compreendermos a nós mesmos. Os reformadores e os chamados revolucionários são, na realidade, fatores de

retrocesso na sociedade. O reformador tenta remendar a sociedade atual com base numa ideologia, e sua idéia é reação condicionada a um padrão; e uma revolução dessa espécie, baseada em ideologia, nunca será capaz de produzir uma transformação fundamental nas relações sociais. O que nos interessa não é a reforma ou continuidade modificada, a que chamais revolução, mas, sim, a transformação fundamental do homem, em suas relações com o homem; e enquanto não se verificar essa modificação básica no indivíduo, não poderemos produzir uma nova ordem social. A transformação fundamental não depende de crenças, de organizações religiosas, nem de sistema algum, político ou econômico: depende ùnicamente da vossa compreensão de vós mesmos, em relação uns com os outros. Essa é a revolução real que cumpre efetuar-se e tereis, então, como indivíduo, extraordinária influência na sociedade. Mas, sem essa transformação, o mero falar de revolução, ou o sacrifício de vós mesmo em prol de uma suposta idéia prática — o que realmente não é sacrifício nenhum — não passa evidentemente de mera repetição, e, portanto, retrocesso.

PERGUNTA: Crêdes na reincarnação e em karma?

KRISHNAMURTI: Suponho que agora vos reclinareis nas vossas cadeiras, muito a gôsto. Que entendeis por "crer", e porque desejais crer? É necessária a crença para descobrir o que é verdadeiro? Para descobrirdes o que é verdadeiro, precisais considerar a vida de maneira nova, necessitais de capacidade para ver as coisas como novas; mas a mente acalentada pela crença é, evidentemente, incapaz de descobrir o que é novo. Assim, antes de poderdes descobrir se há ou não a reincarnação, cabe-vos averiguar se vossa mente está livre da crença. Cremos, os mais de nós, porque isso é conveniente, proporciona satisfação, infunde-nos esperança. É como tomar

uma droga ou um narcótico para nos acalmarmos. Tal crença é projeção de nosso próprio desejo. Assim, para descobrir a verdade relativa a qualquer questão, é óbvio que precisamos libertar-nos de hipóteses, crenças, conclusões de qualquer espécie: seja do Buda, do Cristo, seja de vós mesmos ou de vossa avó. Precisais estudar a questão de maneira nova, porque só então sereis capaz de descobrir o que é verdadeiro. A crença é um empecilho à realidade, e esta é uma pílula muito difícil de engulir, para a maioria de nós. Não procuramos a realidade; queremos satisfação, e a crença proporciona satisfação, acalma-nos. Estamos, pois, essencialmente, procurando satisfação, fugindo do problema do sofrimento, da dor. Por conseguinte, não estamos, de fato, procurando a verdade. Para se achar a verdade, torna-se necessário experimentar o sofrimento, a dor e o prazer, diretamente, e não através da cortina de uma crença.

Vejamos, de modo semelhante, o que se entende por reincarnação — a verdade a respeito e não o que gostais de crer, não o que alguém vos disse ou o que vos disse o vosso instrutor. Sem dúvida, é a verdade que liberta, e não a vossa própria conclusão ou a vossa própria opinião. Pois bem, que entendeis por reincarnação? Reincarnar, renascer... que vem a ser isso? Que é que nasce de novo? Não se trata do que crêdes ou do que não credes. Deixemos de parte essas coisas, essas infantilidades. Vamos averiguar o que é que volta ou reincarna. Para isso precisamos primeiro descobrir o que somos. Ao dizerdes "eu renascerei", deveis saber o que é êsse "eu". A questão é esta, não achais? Não estou usando subterfúgios. Não penseis que estou sofismando. Vereis o problema em tôda a claridade, à medida que nos formos adiantando em nossa investigação. Dizeis "Eu nascerei de novo". Que é êsse "eu" que deverá renascer? Será o "eu" uma entidade espiritual, uma entidade independente da me-

mória, da experiência, do conhecimento? Ou o "eu" é uma entidade espiritual, ou é apenas um processo de pensamento. Ou êle é uma coisa atemporal, a que chamamos espiritual, uma coisa não susceptível de medir-se em têrmos de tempo, ou está compreendido na esfera do tempo, na esfera da memória, do pensamento. Outra coisa não pode ser. Verifiquemos se êle transcende a medida do tempo. Espero que me estejais seguindo. Averiguemos se o "eu" é, em essência, uma entidade espiritual. Ora, por espiritual entendemos uma coisa que não está sujeita a condicionamento, uma coisa que não é projeção da mente humana, que não está encerrada na esfera do pensamento, que não está sujeita à morte. Quando falamos de entidade espiritual, entendemos, com isso, uma coisa que não está compreendida na esfera da mente, é claro. Pois bem, será o "eu" uma entidade espiritual dessa ordem? Se é uma entidade espiritual tem de estar fora do tempo e, por conseguinte, não pode renascer ou continuar. O pensamento não pode pensá-lo; porque o pensamento se inclui na medida do tempo, o pensamento é de ontem, o pensamento é um movimento contínuo, é a reação do passado; o pensamento é, portanto, essencialmente, um produto do tempo. Se o pensamento é capaz de pensar o "eu", então êste faz parte do tempo; por conseguinte, êsse "eu" não é livre do tempo, logo, não é espiritual, evidentemente. Nessas condições, o "eu", o "vós" é apenas um processo de pensamento; e desejais saber se êsse processo de pensamento, subsistindo separadamente do corpo físico, renasce, se reincarna numa forma física. Avancemos um pouco mais. Pode uma coisa que continúa, descobrir o real, que está fora do tempo e é imensurável? Estamos "experimentando", com o fim de descobrir a verdade, não estamos trocando opiniões. Êsse "eu", essa entidade, que é um processo de pensamento, pode alguma vez

ser novo? Se não pode, o pensamento deve terminar. Qualquer coisa que continúa não é, inerentemente, destrutiva? O que tem continuidade nunca pode renovar-se. Enquanto o pensamento continuar, através da memória, do desejo, da experiência, nunca poderá renovar-se; por conseguinte, o que é contínuo não pode conhecer o real. Podeis renascer mil vêzes, mas nunca conhecereis o real; porque só o que morre, só o que chega a um fim, pode renovar-se.

A outra parte da pergunta é se eu creio em *karma*. Que se entende pela palavra *karma?* Fazer, agir, ser. Investiguemos, sem nos importarmos com as histórias da avozinha... *Karma* implica, não é verdade? — causa e efeito: ação baseada em causa, produzindo um certo efeito; ação nascida de condicionamento, produzindo outros resultados. *Karma*, portanto, implica causa e efeito. Causa e efeito são um processo estático, um processo fixo? O efeito não se torna causa? Não há, pois, causa fixa nem efeito fixo. Hoje é o resultado de ontem, não é verdade? Hoje é produto de ontem, tanto cronológica como psicològicamente; e hoje é a causa do amanhã. Nessas condições, causa é efeito, e o efeito se torna causa. É um movimento único e contínuo, não há nem causa fixa nem efeito fixo. Se houvesse uma causa fixa e um efeito fixo, teríamos a especialização; e a especialização não significa morte? Tôda espécie que se especializa se extingue. A grandeza do homem está em que não pode especializar-se. Poderá especializar-se tècnicamente, mas não em estrutura. Uma semente de carvalho é especializada; não pode ser outra coisa senão o que é. Mas o ente humano nunca se acaba completamente. Tem a possibilidade de constante renovação, não está limitado pela especialização. Enquanto considerarmos a causa, o fundo, o condicionamento, como dissociado do efeito, não haverá conflito entre o pensamento e aquêle fundo. O problema,

portanto, é muito mais complexo do que a crença ou descrença na reincarnação, porquanto a questão é de como agir e não se cremos na reincarnação ou em *karma*. Isso é completamente irrelevante. Vossa ação é mero produto de certas causas, e essa ação modifica a ação futura — por conseguinte não há maneira de escapar ao condicionamento.

Formulando diferentemente o nosso problema: Pode a ação, em algum tempo, ocasionar a libertação dessa cadeia de causa e efeito? Fiz algo no passado, tive experiência, a qual evidentemente condiciona a minha reação de hoje; e a reação de hoje condiciona as de amanhã. Tal é o processo de *karma*, causa e efeito; e, sem dúvida, embora possa proporcionar prazer, momentâneamente, êsse processo de causa e efeito conduz, em última instância, ao sofrimento. É êste o verdadeiro nó da questão: Pode o pensamento ser livre? O pensamento, a ação que é livre, não produz sofrimento, não produz condicionamento. Aí se encontra o ponto vital de tôda a questão. Pois bem, é possível a ação que não esteja relacionada com o passado? Pode haver ação não baseada em idéia? A idéia é a continuação de ontem, sob forma modificada, e essa continuação condicionará o amanhã, o que significa que a ação baseada em idéia nunca será livre. Enquanto a ação se basear em idéia, forçosamente produzirá mais conflito. Pode haver ação não relacionada com o passado? Pode haver ação sem a carga da experiência, do conhecimento de ontem? Enquanto fôr o produto do passado, a ação não será livre — e só em liberdade pode-se descobrir o que é verdadeiro. O que acontece é que, não sendo livre, a mente não pode agir; só é capaz de reagir; e a reação é a base da nossa ação. Nossa ação não é ação, mas simples continuação da reação, visto que é produto da memória, da experiência, da reação de ontem.

A questão, pois, é a seguinte: Pode a mente libertar-se do seu condicionamento? É isso sem dúvida o que sugere esta questão do *karma* e reincarnação. Enquanto houver continuidade de pensamento, a ação será limitada; e essa ação gera oposição, conflito e *karma*: a reação do passado, em conjunção com o presente, criando uma continuidade modificada. Nessas condições, a mente que tem continuidade, que está baseada na continuidade — essa mente pode ser livre? Se não pode ser livre, haverá possibilidade de cessar a continuidade? Esta questão é importantíssima. Descobrir se a mente é capaz de libertar-se do seu fundo requer uma investigação tremenda. Não está a mente baseada nesse fundo? Não está o pensamento fundado no passado? Assim, pode o pensamento libertar-se do passado? O máximo que o pensamento pode fazer é cessar — mas, naturalmente, não por meio de compulsão, nem de esfôrço, nem de disciplina, contrôle ou subjugação. Percebei, como observador, a verdadeira significação do findar do pensamento. Percebei a verdade, a significação dêsse findar, e a reação falsa desaparecerá. É o que estamos tentando, nesta resposta. Quando há ação não baseada em idéia ou no passado, a mente está então tranquila, em absoluto silêncio. Nesse silêncio, a ação é livre da idéia. Mas vós, com certeza, desejais uma resposta à vossa pergunta sôbre se creio ou não creio na reincarnação. Adiantar-vos-á alguma coisa se eu disser que creio ou que não creio nela? Espero que estejais bem confusos a êsse respeito. O satisfazer-se com explicações denota uma mente vulgar e tola. Examinai todo o processo de vós mesmo. Êsse exame só é possível em vossas relações; e para descobrir a verdade em qualquer relação, requer-se um estado de constante vigilância, vigilância passiva. Nesse estado vos será

mostrada a verdade, a respeito da qual não necessitais de confirmação de ninguém. Enquanto existir pensamento contínuo, não haverá realidade; enquanto houver pensamento vindo do passado, haverá confusão e conflito. Só quando a mente está tranquila, passivamente vigilante, é possível a existência do real.

PERGUNTA: Porque sois contra o nacionalismo?

KRISHNAMURTI: Não sois contra o nacionalismo? Porque sois nacionalista? O nacionalismo — o denominar-vos inglês, tamiliano, ou sabe Deus o que mais — não é uma das razões fundamentais da guerra, da horrível destruição e miséria que vão pelo mundo? Que é êsse processo de identificação vossa com um grupo, uma determinada nação, econômica, social ou pòliticamente? Que razão há para vos chamardes cidadão do Ceilão, alemão, americano, russo, etc.? As condições sociais e a pressão econômica vos obrigam a identificar-vos com um grupo. Êsse é um dos fatores. Mas, porque vos identificais com alguma coisa? Êste é o problema. Vós vos identificais com a família, com uma idéia, ou com aquilo a que chamais Deus. Porque vos identificais sempre com uma coisa que considerais grande? Vivo numa aldeiola, não sou ninguém; mas se me digo hindu, ou se me identifico com uma certa classe ou casta, então sou alguém. Psicològicamente, não sou ninguém — sou vazio, incompleto, solitário, pobre; mas se me identifico com algo que é grande, logo me torno grande (risos). Não riais; porque é justamente o que estais fazendo — sob o nome de nacionalismo, ao qual tudo sacrificais. Um govêrno soberano tem de estar sempre na defensiva contra ataques por parte de algum inimigo; mas vós vos deixais voluntàriamente destruir por causa de uma idéia, que é o vosso

desejo de ser grande. Na verdade não sois grande, continuais sendo o que éreis antes, mas vos considerais grande. O nacionalismo é falso; como a crença, separa as pessoas; e enquanto continuardes nacionalista, não tereis segurança física.

PERGUNTA: Que quereis dizer quando afirmais que o pensante e o pensamento são um só?

KRISHNAMURTI: Eis uma questão importante; tereis de prestar um pouco de atenção. Ora, não estamos cônscios da existência do pensante distinto do pensamento, de que o pensante é uma entidade separada do processo do pensamento? Porque o pensante atua sôbre o pensamento, procurando controlá-lo, subjugá-lo, modificá-lo, ou mesmo encontrar um substituto para o pensamento, dizemos que existe o pensante distinto do pensamento. Ora, será exato? Será o pensante separado do pensamento? Se está, por que está êle separado, que foi que produziu a separação? Corresponde ela à realidade, ou é apenas uma ilusão? Existe de fato um pensante separado do pensamento, ou existe só pensamento, que se separa como pensante? Sem dúvida o pensamento criou o pensante; o pensante não está acima do pensamento, o pensante é produto do pensamento. Logo, é falsa a idéia de que o pensante é separado do pensamento. É o pensamento que faz o pensante; e se não houvesse a faculdade de pensar, não haveria pensante. O pensante vem à existência através do pensamento; e porque se efetuou a separação? Evidentemente, pela razão muito simples de que o pensamento está em constante modificação; isto é, reconhecendo-se em processo de transformação, de mudança, em fluxo constante, o pensamento cria uma entidade, o pensante, para dar permanência a si próprio. Assim, o desejo de permanência cria o pensante. Os pensamentos, evidente-

mente, não são permanentes; mas a entidade, o pensante, julga-se permanente. Na realidade não existe pensante, em absoluto: só há o pensamento, a criar uma entidade permanente, porque teme a impermanência. Por conseguinte, é uma ilusão. A maioria das pessoas pensa que êsse processo falso é um processo real; e porque existe pensante e pensamento, porque existe o "experimentador" constantemente experimentando, não há integração. Só há integração quando o pensamento não cria o pensante, o que significa que o pensamento não se identifica como "meu" pensamento, "meu" aperfeiçoamento, "minha" experiência, — pois é êste "meu" que separa o pensamento do pensante. Quando ocorre a experiência da integração entre o pensamento e o pensante, dá-se uma revolução fundamental no pensar. Então já não há uma entidade que domina ou controla o pensamento, não há mais a idéia de um "eu" susceptível de transformar-se em alguma coisa, de se tornar mais perfeito, mais virtuoso. Há completa integração quando só há pensamento, para ser compreendido pela meditação correta. Não temos mais tempo para discorrer sôbre o que é meditação correta, o que faremos no próximo domingo. Êsse assunto exige muito tempo. A integração, essa completa revolução no pensar, só pode ser compreendida nas relações.

PERGUNTA: A crença em Deus é necessária ou salutar?

KRISHNAMURTI: Como já tenho dito, a crença, sob qualquer forma, é um empecilho. Um homem que crê em Deus nunca achará Deus. Quando um homem está aberto para a realidade, não pode haver crença na realidade. Quando estamos abertos para o desconhecido, não pode haver crença nêle. Afinal de contas, a crença é uma forma de autoproteção, e só uma mente inferior pode crer em Deus. Considerai a crença dos aviadores que, du-

rante a guerra, diziam que Deus os acompanhava nos bombardeios! Crêdes, pois, em Deus quando matais, quando explorais vossos semelhantes. Adorais a Deus e continuais a extorquir dinheiro, cruelmente, a manter um exército... e ao mesmo tempo dizeis que crêdes na piedade, na compaixão, na benevolência. Tal crença, evidentemente, é um obstáculo à compreensão da realidade. Tôda crença, sob qualquer forma que seja, é obstáculo, inclusive a crença em Deus. Vossa crença é um empecilho ao descobrimento do real, porque baseada numa idéia, ou modelada segundo uma tradição. Enquanto existir crença, não haverá, nunca, o desconhecido; não se pode pensar no desconhecido, o pensamento não pode medí-lo. A mente é o produto do passado, é o resultado de ontem; e a mente nessas condições pode estar aberta para o desconhecido? Só é capaz de projetar uma imagem, mas essa projeção não é real; portanto, o vosso deus não é Deus, é uma imagem de vossa própria fabricação, uma imagem da vossa satisfação. Só pode haver realidade quando a mente, compreendendo o processo total de si mesma, termina. Quando a mente está inteiramente vazia — só então é capaz de receber o desconhecido. A mente não se purificará enquanto não compreender o conteúdo das relações, das suas relações com a propriedade e com pessoas, enquanto não houver estabelecido a relação correta com tôdas as coisas. Enquanto não compreende o processo integral do conflito nas relações, a mente não pode ser livre. Só quando a mente se acha, tôda ela, em silêncio, completamente inativa, quando nada busca e está totalmente tranquila, só então surge aquilo que é eterno e atemporal. Isso não é especulação, não é coisa que se possa aprender de outra pessoa, não é sentimento nem sensação: é algo que tem de ser experimentado, e não o podeis experimentar, enquanto a mente estiver em atividade. O silêncio da mente não se alcança

pela ação, não é uma coisa que deva ser procurada; só ocorre quando cessa o conflito. A compreensão do conflito nas relações é o começo da sabedoria, e quando a mente está tranquila, surge o eterno.

15 de janeiro de 1950.

V

Como esta é a última palestra faremos mais ou menos um resumo do que estivemos considerando nestas últimas quatro ou cinco semanas.

Deve parecer à maioria de nós uma coisa muito estranha o ter-se tornado a vida uma luta renhida, em todos os níveis da existência — não só fìsicamente mas também psicològicamente, tanto interior como exteriormente. Parecemos estar num campo de batalha mundial, e, conformados, já estamos convencidos de que o conflito é o estado natural do homem. Êsse conflito, essa luta é a imagem do homem que os chamados filósofos parece terem criado; e reconhecemos que essa é a nossa vida normal, nas relações não apenas com a propriedade mas também com as outras pessoas. Trava-se esta batalha constante, individual e coletiva, entre homens e mulheres, entre homem e homem, entre o homem e a sociedade; e existe também conflito entre idéias, entre a ideologia da esquerda e a da direita, entre variadas crenças, religiosas ou seculares, econômicas, sociais ou políticas. Nota-se pois um movimento constante de divisão entre homem e homem, não apenas exteriormente, mas também interiormente.

Pode-se compreender, pode-se realmente criar alguma coisa em estado de conflito? Podeis escrever um livro, pintar um quadro, apreciar um outro ser humano, sentir com êle, amá-lo, se existe conflito? Sem dúvida, o conflito é a antítese da compreensão, e no conflito não há possibilidade de compreensão em tempo algum e em nível algum. Já admitimos, filosòficamente, que o conflito é inevitável, e talvez estejamos completamente enganados ao aceitar tal tese, tal idéia. Pode a compreensão nascer do conflito, da guerra, de uma revolução proletária? Para compreender a estrutura da sociedade e operar uma revolução radical, não vos cabe compreender o fato real, em vez de criar o oposto e, consequentemente, criar conflito? Pode o conflito produzir uma síntese? Para compreendermos, precisamos, por certo, examinar o que *é* realmente, e não aduzir outras idéias a respeito; só então, evidentemente, é possível resolver o problema. Enquanto nos aplicarmos ao problema com idéias, com uma conclusão, com opiniões, com crença, com planos, com sistemas de qualquer espécie, isso, por fôrça, há de impedir a compreensão. Temos os problemas da fome, do desemprêgo, da guerra, para resolver. Que está realmente acontecendo? Os sistemas, baseados em ideologias esquerdistas ou direitistas estão lançando o homem contra o homem, e entrementes continúa a haver fome. Logo, os sistemas, as ideologias òbviamente não resolvem o problema; entretanto vivemos em luta uns com os outros por causa de idéias e de determinados sistemas. Não há dúvida de que precisamos chegar-nos ao problema sem conclusões trazidas do passado; pois é claro que as conclusões impedem a compreensão do problema.

É fácil ver que o conflito, em qualquer nível, denota deterioração; é um sinal da desintegração da sociedade bem como do indivíduo. Se percebemos, não em teoria mas de fato, que o conflito, invariàvelmente, impede a

compreensão, que pelo conflito nunca se pode estabelecer a harmonia, então, por certo, nossa maneira de considerar o problema há de ser inteiramente diferente, não achais? Nossa atitude sofre então uma modificação fundamental. Até agora, a nossa maneira de tratar o problema tem criado outros problemas, cada vez mais sofrimento e mais dôres, que são sempre resultado de conflito e da falta de compreensão do problema; só é possível a compreensão, quando não há conflito. Se desejo compreender-vos, não deve haver conflito algum; pelo contrário, devo olhar-vos, observar-vos, estudar-vos, prescindindo de conclusões, planos ou sistemas prévios. Tudo isso são preconceitos, e os preconceitos impedem a compreensão. Necessito de uma mente límpida, não embaciada por preconceito, por conhecimento prévio. Só assim é a mente capaz de compreender o problema, e por êsse caminho se encontra a solução. A depuração da mente, sem dúvida, é o primeiro requisito para a compreensão do problema. A mente, que se acha sempre em conflito, sempre pelejando, tem de estar livre do seu próprio condicionamento, a fim de enfrentar o problema, seja êle econômico, pessoal ou social.

Nessas condições, o que mais importa é a maneira como nos chegamos ao problema. É essencial que vejamos com tôda a clareza a relação que gera conflito. É a falta de relações corretas que produz conflito; por conseguinte, é essencial que compreendamos o conflito nas relações, que compreendamos todo o processo de nosso pensamento e ação. Evidentemente, se não compreendemos a nós mesmos em relação, qualquer sociedade que venhamos a criar, quaisquer idéias ou opiniões que tenhamos, só servirão para produzir mais malefícios e mais sofrimentos. Logo, a compreensão de todo o processo de nós mesmos em relação com a sociedade, é o primeiro passo para a compreensão do problema do conflito. O autoco-

nhecimento é o comêço da sabedoria; porque vós sois o mundo, não estais separado do mundo. A sociedade são as vossas relações com vossos semelhantes. Vós a criastes, e a solução reside em vossa própria compreensão dessas relações, da ação recíproca entre vós e a sociedade. Sem compreenderdes a vós mesmo, a busca de uma solução é de todo inútil, não passa de uma fuga. O que importa, consequentemente, é compreender as relações. São elas que causam o conflito e não podem ser compreendidas a menos que tenhamos a capacidade de estar passivamente vigilantes; então, nessa vigilância passiva, nessa lucidez (awareness) surge a compreensão.

PERGUNTA: Em que consiste a vida simples e como posso viver uma vida simples, no mundo moderno?

KRISHNAMURTI: A vida simples tem de ser descoberta, não achais? Não há padrão algum de vida simples. Possuir poucas roupas, usar uma tanga, e andar com um pires na mão, esmolando, não é indício de uma vida simples. A vida simples tem de ser descoberta. Sem dúvida, o simples fato de se estabelecer um padrão de vida simples não gera a simplicidade; pelo contrário, cria complexidade. Que entendemos por uma vida simples? Ter poucas roupas, andar semi-nú, ter poucas posses... isso indica vida simples? A vida não é muito mais complexa do que isso? Por certo, ninguém deve ter mais do que umas poucas coisas, pois é absurdo, insensato, possuir muitas coisas e depender delas. O homem possui muitas coisas e vive apegado a elas — propriedades, títulos, etc. Mas será vida simples a de um homem que tem inúmeras crenças, ou mesmo uma só crença? A dependência de sistemas, de autoridades, o impulso de "vir a ser", de alcançar, adquirir, imitar, conformar-se, disciplinar-se de acôrdo com um determinado padrão... será isso vida simples? Indicará simplicidade? Sem dú-

vida, a simplicidade deve começar não na expressão de coisas exteriores, mas muito mais profundamente. O homem que é simples não tem conflito. O conflito denota uma fuga para o "mais" ou para o "menos". Isto é, o conflito indica o interêsse de aquisição, o desejo de nos tornarmos algo "mais" ou algo "menos"; e será o homem que deseja tornar-se alguma coisa uma entidade simples? Desprezais o homem que luta para adquirir riquezas, posses, e apreciais aquêle que, supostamente, não se interessa pelas coisas mundanas, mas luta por se tornar virtuoso ou por igualar ao Buda, ao Cristo, ou por observar um determinado padrão: dizeis que êsse homem é um ser maravilhoso. Indubitàvelmente, o homem que luta para se tornar alguma coisa no mundo é igual ao outro que deseja ser espiritual. Estão ambos unidos por um mesmo desejo: o de vir a ser alguém ou alguma coisa, o de se tornar respeitável ou, como se costuma dizer, espiritual. A vida simples, por certo, não é uma coisa espetacular. Pode ser descoberta na vida cotidiana; neste mundo corrupto que, depois de duas guerras medonhas, já está, talvez, preparando a terceira, é possível viver com simplicidade, não apenas exteriormente mas também interiormente. Porque atribuimos tamanha importância às manifestações exteriores da simplicidade? Porque começamos sempre, invariàvelmente, do lado errado? Porque não começamos pelo lado certo, que é o psicológico? Sem dúvida, precisamos começar pelo lado psicológico para descobrir o que é vida simples, pois é o interior que cria o exterior. É a insuficiência interior que faz as pessoas se apegarem a seus haveres, a suas crenças; é êsse sentimento de insuficiência interior que nos força a acumular bens, roupas, saber, virtude. Evidentemente, por êsse caminho só havemos de criar muito mais malefícios e muito mais dano. É extraordinàriamente difícil ter uma mente simples — não a cha-

mada mente intelectual dos eruditos, mas a simplicidade que nasce quando compreendemos uma coisa, aquela simplicidade que percebe o problema do que *é*. Positivamente, não podemos compreender coisa alguma quando nossa mente é complexa. Não sei se já notastes que quando estais preocupado com um problema, preocupado com qualquer coisa, não percebeis coisa alguma com clareza, tudo fica fora de foco. Só quando a mente é simples e vulnerável é possível ver as coisas claramente, em suas exatas proporções. Assim, a simplicidade da mente é essencial à simplicidade da vida. O mosteiro não constitui solução. Surge a simplicidade quando a mente não tem apêgo, quando a mente não está adquirindo, quando a mente aceita o que *é*. Isso significa, realmente, estar livre do fundo (background), do conhecido, da experiência adquirida. Só então é a mente simples, e só então é possível ser livre. Não pode haver simplicidade enquanto o indivíduo pertence a uma religião, a uma certa classe ou sociedade, a um dogma, da esquerda ou da direita. Ser simples interiormente, estar esclarecido, ser vulnerável, é ser como uma chama sem fumo; e por isso não se pode ser simples sem amor. O amor não é uma idéia, o amor não é pensamento. É só no cessar do pensar que existe a possibilidade de se conhecer aquela simplicidade que é vulnerável.

PERGUNTA: Percebo que a solidão é a causa fundamental de muitos dos meus problemas. Como combatê-la?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por solidão? Estais realmente cônscio de vossa solidão? A solidão, por certo, não é um estado equivalente ao "estar só". Muito poucas pessoas ficam sòzinhas; não desejamos ficar sós. É essencial compreender que "estar só" não significa iso-

lamento. Há, certamente, diferença entre o "estar só" e o isolamento. Isolamento é o sentimento de estar fechado, o sentimento de ausência de relações, o sentimento de estar segregado de tôdas as coisas. Isso é inteiramente diferente do "estar só", que é um estado de extraordinária vulnerabilidade. Quando nos vemos solitários, apodera-se de nós um sentimento de temor, de ansiedade, a dôr do isolamento. Amais a alguém e sentis que, sem êsse alguém, estais perdido; assim, essa pessoa se vos torna essencial, para que não sintais o isolamento. Por conseguinte, utilizais a pessoa com o fim de fugirdes do que sois. É por essa razão que procuramos estabelecer relações, uma comunhão com outra pessoa, ou estabelecer contacto com coisas, bens — para podermos sentir-nos viver; adquirimos móveis, roupas, carros, procuramos acumular saber, ou nos entregamos ao amor. Por solidão entendemos aquêle estado que se apodera da mente, um estado de isolamento, um estado em que não há contacto, em que não há relação nem comunhão com coisa alguma. Nós o tememos e o julgamos doloroso. E temendo o que somos, temendo o nosso estado real, dêle fugimos por numerosas vias: Deus, bebida, rádio, divertimentos — qualquer meio de fugirmos à sensação do isolamento. E as nossas ações, quer nas relações individuais, quer nas relações com a sociedade, não constituem um processo de isolamento? Nos dias que correm, as relações de pai, mãe, espôsa, marido, não são, para nós, um processo de isolamento? Essas relações não estão quase sempre baseadas na necessidade mútua? Vemos, pois, que é simples o processo de auto-isolamento — estamos a tôdas as horas procurando, em nossas relações, uma vantagem para nós mesmos. Êsse processo de isolamento prossegue continuamente, e quando percebemos o nosso isolamento, através de nossas próprias atividades, dêle procuramos fugir: vamos à igreja, abrimos um livro, ligamos o rádio, ou

ficamos sentados frente a uma imagem, a meditar... Queremos de qualquer maneira fugir do que *é*.

Chegamos, pois, à questão real, que é o desejo de fuga. Que temeis? Por que tendes mêdo ao desconhecido, àquela insuficiência existente em vós mesmo, ou àquele vazio? Se temeis, porque não investigais? Por que êsse temor de perder vossos haveres, vossas ligações, vossos contactos? Que sabeis realmente, com vossas pretenções ao saber? Vosso saber não passa de memória; não conheceis o que vive, só conheceis o passado... coisas mortas, decadentes. Não consistirá o nosso mal, pois, em que nunca encontramos o que *é?* Nunca fazemos frente ao conflito de nossa insuficiência: estamos sempre empenhados em sufocá-lo, reprimí-lo, em fugir a êle, não conhecemos o que *é*. Mas se enfrentássemos o conflito sem temor, sem condenação, encontraríamos, então, a verdade a seu respeito; talvez encerre êle uma significação muito mais extraordinária do que a que lhe atribuimos em nosso temor. Por mêdo à insuficiência a mente atua sôbre o pensamento, em vez de o *olhar;* e só quando temos a capacidade de olhar para o pensamento encontramos a possibilidade de compreender aquilo que formou êsse pensamento, com o que se nos revela todo o processo de fuga ao que *é*. Então a solidão se transforma em "estar só". E êsse "estar só" é um estado de vulnerabilidade capaz de acolher o desconhecido, o imponderável, o imensurável. Consequentemente, para compreender êsse estado de vulnerabilidade, temos de compreender inteiramente o processo do pensar — o que significa que temos de olhá-lo e perceber as suas extraordinárias qualidades. Êsse estado não pode ser recebido verbalmente: cumpre-nos experimentá-lo.

PERGUNTA: Atribuís muita importância a que estejamos cônscios de nosso condicionamento. Como posso compreender a minha mente?

KRISHNAMURTI: Não é o condicionamento inevitável — inevitável no sentido de que se verifica contìnuamente? Condicionais os vossos filhos como budistas, sinhaleses, tamilianos, inglêses, chineses, comunistas, etc. Há um constante martelar de influências — influências econômicas, climáticas, sociais, políticas, religiosas, atuando sem cessar. Olhai para vós mesmos: sois ou budistas, ou sinhaleses, ou hindus, ou capitalistas, ou cristãos. Eis todo o processo: a mente está de contínuo submetida a condicionamento, o que significa que a mente é um resultado do passado, funda-se no passado. O pensamento é reação do passado. A mente é o passado, a mente é parte do passado; e o passado é a tradição, a moral. A ação, conseqüentemente se modela de acôrdo com o passado, ou com o futuro, como ideal. Êsse é o verdadeiro estado de todos aquêles que estão condicionados. Somos produto do ambiente social, econômico, ou outro qualquer. O que crêdes é o que vos foi inculcado por vosso pai e pela sociedade. Se não vos tivessem inculcado a idéia do Budismo, seríeis com certeza outra coisa: católico romano, protestante, comunista. Vossas crenças são o resultado de vosso ambiente, e essas crenças são também criadas por vós. Porque sois produto do passado e o passado em conjunção com o presente cria a atual entidade social. Vossa mente, pois, está condicionada; essa mente condicionada atende ao desafio, ao estímulo, e reage, invariàvelmente, de acôrdo com o seu condicionamento, e é isso o que gera um problema. Por conseguinte, sempre que a mente condicionada enfrenta um estímulo, cria um problema, porquanto é sempre inadequda a reação de uma mente condicionada. É a inadequacidade da

reação condicionada, que cria o problema. O problema é sempre novo, o desafio sempre novo; desafio implica coisa nova, do contrário não seria desafio. A mente condicionada, portanto, enfrentando o desafio, cria um problema, do qual resulta conflito.

Agora, se perguntais "posso estar livre de condicionamento?" — esta pergunta tem validade; de outro modo, não tem. Enquanto a mente estiver condicionada segundo um padrão, há de reagir sempre de acôrdo com êsse padrão. Há os que dizem que a mente não pode ser "descondicionada", que isso é uma impossibilidade; por conseguinte, substituem o condicionamento antigo por um novo. Em vez dos capitalistas, temos o comunista, em lugar do católico romano, o protestante e o budista. É o que de fato está sucedendo no mundo inteiro, hoje em dia. Falam em revolução; isso não é revolução, mas simples substituição de idéias. As idéias não fazem revoluções; só produzem uma continuidade modificada, mas nunca revolução. Há, pois os que dizem que a mente não pode ser "descondicionada" e, sim, que só pode ser "recondicionada" diferentemente. Essa asserção, ela própria, já implica condicionamento. Se dizeis que "pode" ou que "não pode", já estais condicionado. O que importa, por conseguinte, é averiguar se a mente pode ser "descondicionada" de maneira completa, e não superficial ou momentâneamente. Como consegui-lo?

Ora, porque vos chamais budistas? Dizem-vos, desde a infância, que sois budistas; mas, porque concordais com isso e vos conservais como tal? Se fôrdes capazes de o compreender, estareis livres. Que aconteceria se não perseverásseis nessa condição? Se não vos denominásseis budistas, vós vos sentiríeis segregados, isolados. Vós o fazeis, portanto, por razões econômicas. Êsse é um dos fatôres. Outro fator é que gostais de identificar-vos com algo que é maior, porque, do contrário, vos sentis perdi-

dos. Não sois ninguém; mas quando dizeis que sois budistas, sois alguém. Isso vos dá colorido. Consequentemente, o vosso desejo de ser alguém, o vosso desejo de identificar-vos com algo que é grande, vos condiciona. O desejo de ser algo é a essência mesma do condicionamento. Se nenhum desejo tivésseis de ser algo, não estaríeis condicionado, no sentido mais profundo. Por certo, ser o que *é* constitui o comêço da virtude; o contentamento é a compreensão do que *é*. O desejo de ser algo invariàvelmente condiciona o pensamento e cria, por conseguinte, um problema cada vez mais profundo e mais amplo, que cria conflito e sofrimentos cada vez maiores. Estar livre de condicionamento é muito simples; experimentai-o. Quando não desejais ser artista, Mestre, ministro, uma personalidade importante, sábia ou erudita, então, não sois ninguém. O fato é êsse, mas não gostamos de o admitir; por isso nos aferramos às nossas posses, nossos móveis, livros, propriedades. Em vez de nos deixarmos levar por nossas pretenções, por que não nos contentamos com ser pequenos? Nesse estado se pode perceber a extraordinária flexibilidade da mente, como é ela capaz de reagir de maneira nova aos desafios. A mente nessas condições é capaz de responder de maneira nova ao desafio. Como vêdes, isto é claro. O condicionamento não está apenas à superfície, na camada superior da mente; êle se encontra também nas camadas mais profundas; tanto no conteúdo oculto da mente, como no superficial, existe o desejo de ser alguém. É o desejo de ser alguém, de buscar um resultado, que produz condicionamento. E a mente condicionada nunca pode ser revolucionária, está agindo sempre de acôrdo com um padrão; é uma mente sonâmbula, e não revolucionária. Nasce a revolução quando a mente é livre, quando não opera de acôrdo com

o passado e está cônscia do seu condicionamento. Só quando a mente está tranquila, pode ser livre.

PERGUNTA: Que é meditação correta?

KRISHNAMURTI: Êste tema é muito complexo, exige grande dose de compreensão. Entremos na questão. Vós e eu vamos descobrir juntos o que é meditação correta, significando isso que vós e eu vamos meditar. Como é que compreendemos uma coisa qualquer? Qual o estado mental que se requer para a compreensão? Vamos descobrir as muitas coisas contidas na questão da meditação. Para compreenderdes uma coisa, precisais estar em comunhão com ela, não devem existir barreiras. Há necessidade de uma integração completa, se desejais compreender uma coisa nova. Como deveis acercar-vos dessa coisa nova? Deveis olhá-la sem condenação nem justificação. Para compreender o problema, a mente tem de estar passivamente vigilante. A meditação é o processo da compreensão, é o estado passivo que torna possível o descobrimento da verdade. A mente tem de estar extremamente serena, para compreender profundamente. Se desejo compreender uma coisa, minha mente tem de estar em silêncio. Se tenho um problema e desejo realmente compreendê-lo, não devo aplicar-me a êle com a mente cheia de preocupação e agitação. Tenho de fazê-lo com a mente livre; porque só a mente passiva, a mente vigilante, é capaz de compreensão. A mente que é capaz de estar silenciosa, está apta a receber a verdade. Porque não sabeis o que é a verdade; se conheceis a verdade, não é a verdade isso que conheceis. A verdade é totalmente nova, livre. A ela não podemos chegar-nos com idéias preconcebidas, não é ela a experiência alheia. Assim, para descobrir a verdade, a realidade, a mente tem de estar de todo em todo tranquila. É êsse o requisito para

a compreensão de qualquer problema, seja, político, econômico ou matemático.

É, portanto, essencial, que a mente esteja tranquila, para compreender. A mente só é nova, quando tranquila; e só é livre, serena, quando não está condicionada pelo passado. É só então que o desconhecido é instintivamente descoberto. Há pois necessidade de liberdade; e a mente que está disciplinada não é uma mente livre, não é uma mente tranquila. Sua função é condicionada, quando submetida a disciplina. A mente em tais condições é posta tranquila a poder de disciplina, ela é controlada, moldada, para ficar tranquila. Para que a mente esteja realmente tranquila, necessita-se liberdade, não no fim, mas no comêço. A mente que está sobrecarregada, ou a mente disciplinada é incapaz de compreender um problema. Que é que traz a liberdade? — não me refiro a uma liberdade limitada, suscitada pelo desejo. Como vem à existência a liberdade, de modo que a mente possa receber a verdade? Só é possível essa liberdade, quando há virtude. No presente estais lutando por tornar-vos virtuoso, e o tornar-se alguma coisa, evidentemente, significa uma outra forma de condicionamento. Quando lutais para serdes não violento, êsse mesmo processo de luta é violência. Isto é, no esfôrço por vos tornardes não violento, estais imitando o ideal da não-violência, que é vossa própria projeção. O ideal, pois, é de vossa própria fabricação, produto de vossa própria violência. Sendo violento, criais o oposto; mas todo oposto contém sempre o seu oposto respectivo, e por conseguinte o ideal da não-violência tem de conter, forçosamente, o elemento da violência — as duas coisas não são diferentes. Assim, a mente que está lutando por tornar-se compassiva, por se tornar humilde, está condicionada; logo, não pode ver a verdade. Virtude é a compreensão do que *é*, sem fuga. Não podeis compreender o que *é*, se lhe resistis; porque

a compreensão requer liberdade da reação condicionada, ao que *é*. Requer não sòmente que estejamos livres de condenação e justificação, mas também de todo o processo de designação, de dar nome. A virtude é um estado de liberdade, porque a virtude traz ordem e clareza. A virtude é livre de "vir a ser", ela é a compreensão do que *é*. A compreensão não depende do tempo; mas requer-se o tempo para a fuga pelo processo de aquisição da virtude. Nessas condições, só a mente que está em silêncio pode receber o desconhecido; porque o desconhecido é imensurável. O que se mede não é o desconhecido; é coisa conhecida, e portanto não é verdadeira, não é real. A liberdade nasce da virtude e não da disciplina. Uma mente disciplinada é uma mente "que exclue"; e só há liberdade, quando cada pensamento é perfeitamente compreendido, sem exclusão ou distração. O que se costuma chamar meditação é mero processo de exclusão, e a mente que sabe excluir, que sabe resistir, não é uma mente livre. Não podeis compreender o pensamento se lhe resistis. A mente tem de ser livre, para ir ao encontro de cada pensamento e compreendê-lo integralmente, e vereis então como êsse pensamento, como processo acumulativo, finda.

Há, também, a questão relativa à aquietação da mente por meio de esforços vários. Não é o pensante, o observador, a mesma coisa que o pensamento a que observa? Não são dois processos diferentes, mas um só processo. Enquanto existe pensante, como observador separado do pensamento, não há liberdade. Meditação é o processo de compreender o pensante; meditação é o processo de compreender o "meditador" — ou seja compreender a si mesmo, em todos os níveis — como "minha casa", "meus haveres", "minha mulher", "minhas crenças", "meu saber", "minha aquisição", "meu trabalho".

Enquanto o pensante está separado do pensamento haverá conflito, e não pode haver liberdade. Assim, compreender o "meditador" é autoconhecimento, e foi isso que estivemos fazendo nesta tarde. O comêço da meditação é o comêço do autoconhecimento, visto que não podemos ser livres sem autoconhecimento. A compreensão de vós mesmo requer vigilância passiva. Necesita-se liberdade no comêço, e não no fim. A verdade não é um fim, para ser alcançado pessoalmente; deve ser experimentada, vivida, a cada minuto, nas relações. A mente silenciosa — mas não *silenciada* — só ela pode perceber o imensurável. A solução do problema relativo ao estabelecimento da tranquilidade, sem compulsão, está na compreensão das relações; por conseguinte, a meditação é o comêço do autoconhecimento, e o autoconhecimento é o comêço da sabedoria. Sabedoria não é acumulação de conhecimentos e experiência; a sabedoria não se adquire nos livros, nas cerimônias, nem pela compulsão. Nasce a sabedoria só quando há liberdade da mente; e a mente que está tranquila encontrará o atemporal, que é o imensurável, surgido na existência. Êsse estado não é um estado de experiência, não é um estado que precisa ser relembrado. O que lembramos, repetimos, e o imensurável não é repetível, não é cultivável. A mente tem de ser induzida a recebê-lo de maneira nova, de cada vez; e a mente que acumula saber, virtude, é incapaz de receber o eterno.

22 de janeiro de 1950.

PALESTRAS RADIOFÔNICAS PRONUNCIADAS EM COLOMBO, ILHA DE CEILÃO

AÇÃO

Os problemas com que se defronta cada um de nós, e portanto o mundo, não podem ser resolvidos por políticos ou por especialistas. Não são êsses problemas o resultado de causas superficiais, que como tais pudessem ser considerados. Nenhum problema, muito menos um problema humano, pode ser resolvido num dado nível especial. Nossos problemas são complexos; só podem ser resolvidos como um processo total da reação do homem diante da vida. Podem os especialistas oferecer planos de ação, mas não é a ação planejada que irá salvar-nos, mas, sim, a compreensão do processo total do homem, que sois vós. Os especialistas só são capazes de tratar de problemas num âmbito único, aumentando assim os nossos conflitos e a nossa confusão.

É desastroso considerar o nosso complexo problema humano como situado num nível único, e permitir que os especialistas dominem as nossas vidas. Nossa vida é um processo complexo, que requer profunda compreensão de nós mesmos, como pensamento e como sentimento. Sem

compreendermos a nós mesmos, nenhum problema, por mais superficial ou por mais complexo que seja, pode ser compreendido. Sem compreendermos a nós mesmos, as nossas relações, inevitàvelmente, hão de levar-nos ao conflito e à confusão. Sem compreendermos a nós mesmos não pode haver uma ordem social nova. Uma revolução sem autoconhecimento é simples continuação modificada do nosso estado atual.

Autoconhecimento não é coisa adquirível nos livros, nem tampouco produto de longos e penosos exercícios e disciplina; êle é percebimento, instante por instante, de cada pensamento e cada sentimento que surge, na vida de relação. A vida de relação não se situa num nível abstrato, ideológico, mas é uma coisa real — são as nossas relações com a propriedade, com as pessoas, com as idéias. O estado de relação supõe existência; e como nada pode viver no isolamento, ser é estar em relação. Nosso conflito está nas relações, em todos os níveis da nossa existência; e a compreensão dessas relações, completa e extensamente, constitui o único problema real de cada um de nós. Êsse problema não pode ser adiado nem evitado. O evitá-lo só pode criar mais conflito e mais sofrimentos. A fuga tem como consequência a privação de pensamento, a qual é explorada pelos astutos e ambiciosos.

Religião, consequentemente, não é crença, nem dogma; é a compreensão da verdade, que se deve descobrir na vida de relação, momento por momento. Religião que é crença e dogma não passa de uma fuga da realidade das relações. O homem que procura a Deus, ou o que quiserdes, pela crença, a que chama religião, apenas cria oposição, que gera a separação, isto é, desintegração. Qualquer espécie de ideologia, da direita ou da esquerda, desta ou daquela religião, lança o homem contra o homem, como está acontecendo no mundo.

A substituição de uma ideologia por outra não constitui a solução para os nossos problemas. O problema não consiste em saber qual seja a melhor ideologia, mas sim no compreendermos a nós mesmos como um processo total. Podeis dizer que a compreensão de nós mesmos exige um tempo infinito e que, nesse interim, o mundo se fará em pedaços. Pensais que, com uma ação planejada de acôrdo com uma ideologia haverá possibilidade de se operar, em breve tempo, uma transformação no mundo. Se se der um pouco mais de atenção ao assunto, ver-se-á que as ideologias não unem os homens. Uma idéia pode servir para formar um grupo, mas êsse grupo fica contra outro grupo, que tem uma idéia diferente, e assim por diante, acabando por se tornarem as idéias mais importantes do que a ação. As ideologias, as crenças, as religiões organizadas, separam os homens.

A humanidade não pode ser integrada por uma idéia, por mais nobre e ampla que essa idéia seja. Porque idéia é simples reação condicionada; e uma reação condicionada, ante o desafio da vida, é necessàriamente inadequada, trazendo consigo conflito e confusão. A religião baseada em idéia não pode unir os homens. A religião como experiência de uma autoridade qualquer pode ligar vários indivíduos entre si, mas, inevitàvelmente, há de gerar antagonismo; a experiência alheia não é verdadeira, mesmo que o "experimentador" seja um grande homem. A verdade nunca pode ser o produto de autoridade. A experiência de um *guru*, um instrutor, um santo, um salvador, não é a verdade que vos cumpre descobrir. A verdade alheia não é a verdade. Podeis repetir para outra pessoa a expressão verbal da verdade; mas esta se transforma em mentira no processo de repetição.

A experiência alheia não é válida para a compreensão da realidade. Entretanto, as religiões organizadas,

no mundo inteiro, baseiam-se na experiência alheia e, por essa razão, não estão libertando o homem mas, ùnicamente, prendendo-o a um determinado padrão que lança o homem contra o homem. Cada um de nós tem de começar de novo; porque o que somos o mundo é. O mundo não é diferente de vós nem de mim. O pequeno mundo dos nossos problemas, ampliado, transforma-se no mundo e nos problemas mundiais.

Desesperamos de nossa compreensão, em face dos vastos problemas mundiais. Não percebemos que não se trata de um problema que requer ação em massa, mas sim o despertar do indivíduo para o mundo em que vive, a fim de que resolva os problemas do seu mundo, por mais limitado que seja êle. A massa é uma abstração explorada pelo político, pelo homem que tem uma ideologia. A massa, na realidade, sois vós e eu e mais outro. Quando vós e eu e outro estamos hipnotizados por uma palavra, tornamo-nos, então, "a massa", isto é, uma abstração, porquanto a palavra é abstração. A ação em massa é uma ilusão. Essa ação, na realidade, é a idéia que uns poucos têm sôbre a ação a qual adotamos em nossa confusão e desespêro. Em nossa confusão e desespêro escolhemos o nosso guia político ou religioso; e êstes, inevitàvelmente, em razão de nossa escolha, hão de estar também confusos e desesperados. Podem êles assumir ares de segurança e onisciência mas, em verdade, visto que são os guias dos confusos, têm de estar igualmente confusos; pois, do contrário, não quereriam ser guias. Neste mundo em que tanto o chefe (guia) como o chefiado (guiado) estão confusos, seguir qualquer padrão ou ideologia, consciente ou inconscientemente, é criar mais conflito e mais sofrimento.

O indivíduo, por conseguinte, é que é importante, e não a sua idéia ou aquêle a quem segue, ou a sua pátria, ou a sua crença. Vós é que tendes importância e não a

ideologia ou a nação, a bandeira ou o credo a que pertenceis; a ideologia é apenas uma projeção de nosso próprio condicionamento. Êsses fatores de condicionamento podem, num dado nível, ser úteis como conhecimento; mas, noutro nível, nos níveis mais profundos da existência, tornam-se êles daninhos e destrutivos em extremo. Como essas coisas — religiões e ideologias, nacionalismo e padrões — são vossas próprias projeções, qualquer ação nelas baseada semelha a atividade do cão que persegue a própria cauda. Porque todos os ideais são produtos de vossa própria fabricação. São o resultado de vossa própria projeção e não revelam a verdade.

Só quando cada um de nós perceber claramente a atual estrutura da existência, a estrutura dos ideais e conclusões, só então teremos a possibilidade de nos libertar e de olhar o problema de maneira nova. A crise, os desastres iminentes não podem ser dissolvidos por uma nova coleção de ideologias, mas só quando vós, como indivíduo, perceberdes a verdade aí contida e começardes, assim, a compreender o processo total de vosso pensamento e vosso sentimento. O indivíduo só é importante nêsse sentido e não na reação isolada e cruel ao problema.

Afinal de contas, o problema, em todo o mundo, é a inadequada reação ao desafio, sempre novo e variável, da vida. Essa inadequacidade gera o conflito, o qual dá origem ao problema. Enquanto não for adequada a reação, teremos sempre uma multiplicidade de problemas. A reação adequada não exige um novo condicionamento, mas sim completa isenção de condicionamento. Isto é, enquanto fôrdes budista, cristão, muçulmano, hinduista, ou pertencerdes à esquerda ou à direita, não podeis corresponder de maneira adequada aos problemas que são vossas próprias criações e, portanto, do mundo. Não

será o fortalecimento do condicionamento religioso ou social, que há de trazer a paz, para vós e para o mundo.

O mundo é vosso problema; e para o compreenderdes, precisais compreender a vós mesmo. Essa compreensão de vós mesmo não depende do tempo. Vós só existis em relação, de outro modo não existis. Vossas relações são o problema — vossa relação com a propriedade, as pessoas, as idéias ou as crenças. Essas relações, atualmente, são de atrito, de conflito; e enquanto não compreenderdes as vossas relações, não importa o que fizerdes, podeis deixar-vos hipnotizar por qualquer ideologia ou dogma, não pode haver descanso para vós. Essa compreensão de vós mesmo é a ação nas relações. Descobris a vós mesmo, tal como sois, diretamente, nas relações. As relações são o espêlho no qual podeis ver-vos assim como sois. Não podeis ver-vos com fidelidade, nesse espêlho, se vos chegais a êle com uma conclusão e uma explicação, ou com condenação, ou com justificação.

A percepção mesma do que sois, de como sois, no momento da ação da relação, traz liberdade do que *é*. Só na liberdade pode haver descobrimento. A mente condicionada não pode descobrir a verdade. Liberdade não é uma abstração, mas vem à existência com a virtude. Porque é da própria natureza da virtude trazer a libertação das causas da confusão. Afinal de contas, a "não-virtude" é desordem, conflito. Mas a virtude é liberdade, é a clareza de percepção que a compreensão nos traz. Não podeis tornar-vos virtuoso. Tornar-se, "vir a ser", é ilusão gerada pela avidez, pela ânsia de aquisição. Virtude é a percepção imediata do que é. O autoconhecimento, pois, é o começo da sabedoria; e é a sabedoria que resolverá os vossos problemas e consequentemente os problemas do mundo.

28 de dezembro de 1949.

RELAÇÃO

RELAÇÃO é ação, não achais? A ação só tem significado nas relações; sem se compreenderem as relações, a ação, em qualquer nível que seja, sempre há de gerar conflito. A compreensão das relações é infinitamente mais importante do que a busca de qualquer plano de ação. A ideologia, o modêlo para a ação, impede a ação. A ação baseada em ideologia impede a compreensão das relações entre homem e homem. A ideologia pode ser da esquerda ou da direita, religiosa ou secular, mas ela é invariàvelmente destrutiva das relações. A compreensão das relações é a ação verdadeira. Sem se compreender a vida de relação, é inevitável a luta e o antagonismo, a guerra e a confusão.

O estado de relação significa contacto, comunhão. Não pode haver comunhão onde os homens estão separados por idéias. Uma crença pode reunir em tôrno de si um grupo de pessoas. Êsse grupo inevitàvelmente gerará oposição, formando-se consequentemente, um outro grupo de crença diferente.

Os ideais adiam a relação direta com o problema. Só quando há essa relação direta com o problema, há ação. Mas, infelizmente, a maioria de nós entra em contacto

com o problema com conclusões, com explanações, a que chamamos ideais, os quais são meios de adiar a ação. A idéia é pensamento verbalizado. Sem a palavra, o símbolo, a imagem, não existe pensamento. O pensamento é reação da memória, da experiência, que são as influências condicionadoras. Essas influências não são apenas do passado, mas do passado em conjunção com o presente. O passado, pois, está sempre projetando sua sombra sôbre o presente. Idéia é reação do passado ao presente; e, por consequência, a idéia é sempre limitada, por mais vasta que seja. A idéia, portanto, há sempre de separar as pessoas.

O mundo está sempre à beira da catástrofe. Mas agora parece estar mais próximo ainda. Percebendo a catástrofe iminente, a maioria de nós busca refúgio na idéia. Pensamos que essa catástrofe, essa crise pode ser resolvida por uma ideologia. A ideologia é sempre um empecilho à relação direta, o qual torna impossível a ação. Desejamos a paz, como idéia, mas não como realidade. Desejamos a paz no nível verbal, vale dizer no nível do pensamento, ainda que orgulhosamente o chamemos o nível intelectual. Mas a palavra "paz" não é paz. Só haverá paz quando cessar a confusão que vós e outro criastes. Estamos apegados ao mundo das idéias e não à paz. Estamos em busca de novos padrões sociais e políticos, e não da paz; estamos muito interessados na conciliação dos efeitos e não em afastar as causas da guerra. Esta busca só trará soluções condicionadas pelo passado. Êsse condicionamento é o que chamamos saber, experiência; e os fatos novos e variáveis são traduzidos, interpretados de acôrdo com êsse saber. Há, pois, conflito entre o que *é* e a experiência que já passou. O passado, que é conhecimento, tem de estar sempre em conflito com o fato, que está sempre no presente. Isso

naturalmente não resolverá o problema; só há de perpetuar as condições que geraram o problema.

Chegamo-nos ao problema com idéias a respeito, com conclusões e soluções conformes com os nossos preconceitos. Pomos entre nós e o problema a cortina da ideologia, e, nessas condições, a solução do problema é de acôrdo com a ideologia, o que só pode dar origem a um novo problema, sem ter sido resolvido o primeiro.

As relações são o nosso problema, e não a idéia relativa às relações — não num dado nível especial, mas em todos os níveis da nossa existência. Êsse é o único problema que temos. Para compreendermos as relações precisamos estudá-las com isenção de tôda ideologia, de todo preconceito, não apenas do preconceito dos iletrados, mas também do preconceito do conhecimento. Não há possibilidade de compreensão do problema por meio da experiência passada. Todo problema é novo. Não há problema velho. Se nos aplicamos a um problema, que é sempre novo, com uma idéia, que é invariàvelmente produto do passado, nossa reação é igualmente do passado e impede portanto a compreensão do problema.

A procura de solução para um problema só tende a intensificá-lo. A resposta não está fora do problema, mas está contida nêle próprio. Cumpre-nos ver o problema de maneira nova e não através do crivo do passado. A reação inadequada ao desafio cria o problema. Essa inadequacidade tem de ser compreendida, e não o desafio. Ansiamos por ver o novo e não podemos vê-lo porque a imagem do passado impede a sua clara percepção. Correspondemos ao desafio apenas como sinhaleses ou tamilianos, como budistas, como esquerdistas ou direitistas. Isso invariàvelmente produz mais conflito. Por conseguinte, o que importa não é que se veja o novo, mas, sim, que se afaste o velho. Quando a reação é adequada ao desafio, então, só então, não há conflito nem

problema algum. Isso tem de ser procurado em nossa vida cotidiana e não nas edições dos jornais.

As relações são o desafio da nossa vida de cada dia. Se vós e eu e mais outro não sabemos por-nos em harmonia, estamos criando condições que hão de gerar a guerra. Assim, o problema do mundo é vosso problema. Não sois diferentes do mundo. O mundo sois vós. O que sois o mundo é. Podeis salvar o mundo, que sois vós mesmo, mas só se compreenderdes as relações de vossa vida diária, e não por meio de crenças, chamadas religião ou ideologia, da esquerda ou da direita, nem por meio de reforma, por mais vasta que seja.

Podeis perguntar de que maneira vós, que viveis uma vida comum, num círculo limitado, podereis influir na presente crise mundial. Não acho que o possais. A luta atual é um resultado do passado, criado por vós e por outrem. Enquanto vós e outrem não alterardes radicalmente as condições atuais das relações, só havereis de contribuir para criar mais sofrimentos. Isso não é uma simplificação exagerada. Se examinardes a fundo a questão, podereis ver como as vossas relações com outrem geraram, numa escala geral, o conflito e o antagonismo em todo o mundo.

O mundo sois vós. Sem a transformação do indivíduo, que sois vós, não pode haver uma revolução radical no mundo. A revolução na ordem social sem a transformação individual só poderá levar a mais conflito e mais desastres. Porque a sociedade são as relações existentes entre vós e mim e outro. Sem se dar uma revolução radical nessas relações, todo esfôrço para promover a paz significa apenas reforma, e por mais revolucionária que esta seja, é retrocesso.

As relações, quando baseadas na necesidade mútua só podem trazer conflito. Por mais dependentes que sejamos uns dos outros, estamo-nos servindo uns dos

outros com um propósito, com um fim. Quando se tem um fim em mira não há relações. Podeis fazer uso de mim e eu fazer uso de vós. Por êsse motivo perdemos o contacto. Uma sociedade baseada no uso mútuo é a raiz da violência. Quando fazemos uso de outrem, só temos diante dos olhos o fim que desejamos conseguir. O fim, o ganho, impede as relações, a comunhão. Na utilização de outro, por mais satisfação e confôrto que ela proporcione, sempre há temor. Para evitar êsse temor, precisamos possuir. Dêsse possuir surge a inveja, a desconfiança, e conflito constante. Relações dessa natureza nunca hão de proporcionar felicidade.

Uma sociedade cuja estrutura está baseada na mera necessidade, quer física, quer psicológica, gera, forçosamente, conflito, confusão e sofrimentos. A sociedade é a projeção de vós mesmo em relação com outro, relação em que predomina a necessidade e a utilização. Quando fazeis uso de outro para satisfação de vossa necessidade física ou psicológica, não existe na realidade relação de espécie alguma; não estais, na realidade, em contacto com outro, em comunhão com êle. Como podeis estar em comunhão com o outro, se o utilizais como uma peça de mobília, para vossa conveniência e vosso confôrto? É essencial, portanto, que se compreenda a significação das relações na vida de cada dia.

Nós não compreendemos a vida de relação; o processo total do nosso ser, de nosso pensamento, nossa atividade, favorece o isolamento, o qual impede o estado de relação. O ambicioso, o astuto, o crente, não pode ter relações com outra pessoa. Só pode servir-se dela, o que gera confusão e inimizade. Esta confusão e esta inimizade existem na presente estrutura social; e continuarão a existir em qualquer sociedade reformada, a menos que haja uma revolução fundamental, em nossa atitude pe-

rante outro ser humano. Enquanto fizermos uso de outrem como um meio para nossos fins, por mais nobres que sejam êles, haverá inevitàvelmente violência e desordem.

Se vós e eu realizarmos uma revolução fundamental em nós mesmos, uma revolução não baseada na necessidade mútua, física ou psicológica, as nossas relações com os outros não terão então passado por uma transformação fundamental? O mal é que já temos uma imagem do que deveria ser a nova sociedade organizada, e procuramos ajustar-nos a êsse padrão. O padrão, evidentemente, é fictício. Mas o que é real é aquilo que somos de fato. Na compreensão do que sois, visto com tôda a clareza no espêlho das relações diárias, o observar o padrão só faz vir mais conflito e mais confusão.

A atual desordem e miséria social, tem de produzir todos os seus efeitos. Mas vós e eu, e outro, podemos e devemos perceber a verdade das relações e, dêsse modo, iniciar uma nova ação não baseada na necessidade e satisfação mútuas. O mero reformar da atual estrutura da sociedade, sem se alterar fundamentalmente as nossas relações, significa retrocesso. Uma revolução que mantenha a utilização do homem para um certo fim, por mais promissora que seja, há de produzir mais guerras e sofrimentos inenarráveis. O fim é sempre a projeção de nosso próprio condicionamento. Por mais promissor e por mais utópico que seja, o fim só pode ser um fator de mais confusão e sofrimento. O que mais importa, em tudo isso, não são os novos padrões, as novas reformas superficiais, mas, sim, a compreensão do processo total do homem, que sois vós mesmo.

No processo da compreensão de vós mesmo, não no isolamento mas nas relações mútuas, vereis ocorrer uma transformação profunda e duradoura, na qual termina de todo a utilização de outrem como meio para vossa pró-

prio satisfação psicológica. Essa compreensão é que é a verdadeira revolução, e não a revolução baseada em idéia. Tôda revolução baseada em idéia conserva o homem na condição de simples instrumento.

Como o interior sempre leva a melhor sôbre o exterior, se não compreenderdes, na sua totalidade, o processo psicológico que sois vós mesmo, não tereis base alguma para pensar. Qualquer pensamento que produz um padrão de ação só poderá levar a mais ignorância e mais confusão.

Só há uma revolução fundamental. Essa revolução não é de idéia, não está baseada em nenhum padrão de ação. Essa revolução se realiza quando cessa a necessidade de nos servirmos de outrem. Essa transformação não é uma abstração, uma coisa desejável, mas sim uma realidade que pode ser experimentada, assim que começamos a compreender a natureza das nossas relações. Essa revolução fundamental pode ser chamada amor; é êsse o único fator criador, o único capaz de efetuar a transformação de nós mesmos e, portanto, da sociedade.

22 de janeiro de 1950.

ÍNDICE DAS CONFERÊNCIAS

ÍNDICE E RESUMO DAS PERGUNTAS

CARTA DE NOTÍCIAS